

Faculdade Canção Nova

José Dimas da Silva

A Catequese do Vaticano II: Um Retorno às Fontes Mistagógicas Patrísticas

Cachoeira Paulista

2024

Faculdade Canção Nova

José Dimas da Silva

A Catequese do Vaticano II: Um Retorno às Fontes Mistagógicas Patrísticas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do Prof. Dr. Lino Rampazzo.

Cachoeira Paulista

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de forma muito especial à Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e modelo por excelência de perfeita catequista.

À minha família, pelo estímulo e compreensão, principalmente aos meus pais Cícero Francisco e Maria de Lourdes.

A meus irmãos e sobrinhos.

À minha vó Severina Oliveira de Souza (Dona Didi) *In memoriam* por ter-me dado as bases da minha fé Católica, por todo carinho e amor.

A toda a comunidade Canção Nova, Carisma ao qual pertenço, por ser sustento para o meu amadurecimento.

A todos os professores da Faculdade Canção Nova por toda dedicação e empenho.

Enfim, a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão de mais esta etapa na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me escolheu, me chamou e me deu forças para realizar este trabalho para sua maior glória e para o bem da Santa Igreja.

A todos os meus irmãos formadores e seminaristas da Casa de Nazaré, que me sustentaram no amor, na oração e na ajuda concreta no cotidiano para a conclusão desta etapa tão importante para a minha vocação.

A todos os professores da Faculdade Canção Nova, que contribuíram para o meu crescimento e enriquecimento intelectual ao longo destes anos de formação. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Lino Rampazzo, pelo apoio, pelas conversas e orientações para a elaboração deste trabalho, compartilhando parte de sua sabedoria, conduzindo o trabalho de maneira clara e atenciosa, deixando uma contribuição extremamente importante e positiva nesta fase da minha vida acadêmica. A sua disponibilidade, professor, formou-me muito.

Por fim, a todos os meus colegas de sala e todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão deste trabalho. Sem vocês seria muito mais difícil.

“...A própria vida de Deus gera em nós uma nova existência: a dos filhos de Deus. Nessa nova existência, somos realmente nós mesmos, mas na medida em que vivemos em Cristo.” (Guardini, 2021, p. 658).

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida o Concílio Vaticano II, particularmente como promoveu um retorno às fontes patrísticas, especialmente no campo das chamadas catequeses mistagógicas. O estudo destaca a influência dos Santos Padres na formação catequética e como o Concílio resgatou a mistagogia para aprofundar a vivência dos sacramentos. A pesquisa analisa a aplicação dos métodos catequéticos dos Padres da Igreja do século III e IV e a grande contribuição de Cirilo de Jerusalém para a iniciação cristã nesse período de intensa formação. O trabalho examina, de certa forma, como as catequeses mistagógicas dos Santos Padres influenciam a prática catequética pós-conciliar, especialmente no Rito da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), e de que maneira a Igreja contemporânea pode aplicar esses ensinamentos para uma catequese renovada mais eficaz e transformadora mais especificamente no percurso catequético da Igreja no Brasil. A pesquisa conclui que a valorização da mistagogia, resgatada pelos Padres Conciliares, é fundamental para a Igreja atual, ao contribuir para uma compreensão mais profunda e espiritual acerca dos mistérios celebrados (sacramentos) e para o crescimento e amadurecimento espiritual dos fiéis, em harmonia com as diretrizes do Concílio Vaticano II.

Palavras-Chave: Mistagogia; Liturgia; Catequese; Patrística; Sacramentos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: A IMPORTÂNCIA DAS CATEQUESES MISTAGÓGICAS DOS SÉCULOS III E IV	10
1.1 O sentido do termo 'mistagogia'	10
1.2 Querigma, Catecumenato e Mistagogia Patrística	14
1.3 A mistagogia em Cirilo de Jerusalém	20
CAPÍTULO II: A CATEQUESE DO VATICANO II À LUZ DAS FONTES DA MISTAGOGIA	26
2.1 Uma catequese sem mistagogia	26
2.2 Retomada de uma catequese mistagógica a partir da vivência dos Padres da Igreja	28
2.3 Rumo a uma virada catequética	33
CAPÍTULO III: A ATUAL APLICABILIDADE DA CONTRIBUIÇÃO DA PATRÍSTICA NO PERCURSO CATEQUÉTICO NA IGREJA DO BRASIL	44
3.1 A necessidade de anunciar um Deus-amor a partir do Vaticano II	44
3.2 Rumo a uma catequese catecumenal mistagógica	46
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

A compreensão da catequese e da liturgia como parte essencial da evangelização tem sido renovada pela Igreja ao longo dos séculos. Desde os primórdios do Cristianismo, com destaque nos séculos III e IV, a catequese mistagógica, que preparava os catecúmenos para a vida cristã pela experiência litúrgica e sacramental, ocupou lugar central na formação dos fiéis. Esse enfoque da catequese primitiva catecumenal, com uma abordagem voltada para o aprofundamento do mistério divino, ressurgiu de forma significativa no contexto do Concílio Vaticano II, com o intuito de fortalecer o encontro pessoal e transformador com a pessoa de Jesus Cristo. No cenário atual, marcado pela pluralidade cultural e por uma busca crescente por sentido existencial, a aplicabilidade da catequese mistagógica é fundamental para uma evangelização mais eficaz e próxima da realidade social e espiritual dos fiéis.

Sendo assim, este trabalho apresenta-se como uma análise acerca da importância da catequese mistagógica nos contextos dos séculos III e IV e sua retomada a partir do Concílio Vaticano II, explorando as contribuições da patrística e a aplicabilidade dessa abordagem na Igreja do Brasil. A investigação se propõe a compreender o papel da mistagogia, a fim de demonstrar como ela pode promover uma vivência profunda e autêntica da fé.

De tal modo, o estudo da catequese mistagógica permite entender as raízes históricas e teológicas dessa prática catequética, resgatando elementos que colaboram para uma formação cristã integral. Ao investigar as fontes patrísticas e os ensinamentos de Padres como Cirilo de Jerusalém, este estudo espera contribuir para o desenvolvimento de métodos catequéticos contemporâneos enraizados na tradição da Igreja, principalmente na Sagrada Escritura e na Liturgia.

No âmbito pastoral social, reflete-se na atual busca por uma catequese verdadeiramente renovada e mistagógica que integre fé e vida, orientando os cristãos a viverem os ensinamentos de Cristo no cotidiano de suas vidas. Nota-se que a metodologia mistagógica responde à necessidade de uma catequese catecumenal profunda, que vá além da instrução intelectual, conduzindo à vivência dos mistérios cristãos de forma mais prática e espiritual.

Busca-se com este trabalho analisar a importância e a aplicabilidade da catequese mistagógica, desde suas origens nos Santos Padres até o contexto atual pós-Vaticano II. Parte-se da compreensão da mistagogia em seu sentido original e de sua prática nos primeiros séculos, período em que a iniciação cristã se aprofundava com a condução dos fiéis ao mistério pascal de Cristo. Examina-se também como o Concílio Vaticano II, ao retomar essa prática, buscou promover uma catequese capaz de proporcionar uma experiência integral de fé e formação espiritual. Desde modo, ao final, são abordados as possibilidades e os desafios para aplicar essa abordagem catequética, especialmente na realidade da Igreja do Brasil, onde a pastoral catequética se compromete com a formação e a experiência de fé de pessoas em contextos e realidades diversas.

Portanto, o presente trabalho utiliza-se de pesquisa bibliográfica e documental, abrangendo livros, artigos acadêmicos, dissertações e documentos oficiais da Igreja. Entre as fontes principais utilizadas, estão os escritos patrísticos, como os de Cirilo de Jerusalém, além de documentos do Concílio Vaticano II e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que contribuem para a análise do conteúdo mistagógico e para o entendimento da relevância de uma catequese que conduza o cristão contemporâneo a uma vivência espiritual autêntica e transformadora.

1 A IMPORTÂNCIA DAS CATEQUESES MISTAGÓGICAS DOS SÉCULOS III E IV

Este capítulo apresenta, antes de tudo, o sentido do termo 'mistagogia'. Em seguida, analisa o significado específico das palavras querigma, catecumenato e mistagogia patrística. E, por fim, expressa o significado da mistagogia em Cirilo de Jerusalém.

1.1 O sentido do termo 'mistagogia'

O termo *mistagogia* segundo Mazza (2020, p. 20) tem sua origem no verbo grego *myeo*, que está ligado, sempre no contexto sagrado, ao significado de “ensinar uma doutrina” e “iniciar nos mistérios”. O mistagogo seria como aquele que ajuda a puxar a cortina para que o mistério seja revelado a partir dos sinais visíveis, é aquele que introduz o iniciante na fé e nos mistérios. O termo mistagogia constitui, enquanto palavra, através da junção de dois vocábulos gregos, *mystes* que significa mistério e *agein* que significa conduzir, uma espécie de conduzir o outro ao coração do mistério. Segundo Costa (2014, p. 44):

O termo mistagogia vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir. Etimologicamente, possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios e, na iniciação cristã, para o Mistério que é “Cristo em nós, esperança da glória” (CI 2,19). Na antiguidade cristã, o termo designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia, assim como a configuração do neófito em um novo caminho, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida, feito nova criatura.

Segundo Paro (2014a) pode-se traduzir mistagogia como a ação de guiar, conduzir, para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz.

Percebe-se que a mistagogia é um termo muito caro e utilizado pelos Santos Padres dos séculos III e IV, sendo não só um tempo proposto de iniciação e preparação, mas um método eficaz utilizado nos primeiros séculos. De certa forma, foi o método oficial daquilo que mais tarde seria chamado de catequese. Pode-se afirmar que a mistagogia é uma arte que conduz o fiel ao interior do mistério celebrado, tanto nos ritos, quanto nos Sacramentos. Esse processo se estende

desde a recepção dos sacramentos até o período mistagógico, continuando ao longo da vida do fiel. Segundo Sanchez (2007, p. 443):

O método mistagógico usado pelos Padres identifica três elementos: a valorização dos símbolos na liturgia; a interpretação dos ritos à luz da escritura, na perspectiva da história da salvação; a abertura ao compromisso cristão e eclesial, expressão da vida nova em Cristo.

A Mistagogia, para os Santos Padres, é sem dúvida a arte de conduzir os fiéis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito, gesto e símbolo. A partir da própria celebração, são dados os códigos e as chaves para que permitam aos catecúmenos, aos neófitos e aos fiéis descobrir, e a desvendar pouco a pouco o mistério que ali se vive e celebra.

Paro (2014b) afirma que os padres gregos usam os termos *mystagôgêô* (introduzo ao mistério) e *mystagôgia* (introdução aos mistérios) ao recordarem a iniciação sacramental. A preocupação dos Padres está em levar os catecúmenos, e depois os neófitos, à experiência com o mistério de Deus, pois o mistagogo é aquele que introduz ao mistério, e a mistagogia seria a introdução a este mistério.

Mistagogia não se resume só às catequeses, mas a algo bem mais abrangente. A própria liturgia é mistagogia, os Sacramentos são mistagogia, pois estão imbuídos do grande mistério da vida e salvação de Cristo. Para Teodoro de Mopsuéstia:

Qualquer Sacramento é a indicação, em sinais e símbolos, de coisas invisíveis e inefáveis... Se se tratasse apenas de realidades materiais, seria supérfluo explicá-las, pois os olhos bastariam para nos mostrar o que cada uma delas é. Mas, uma vez que no Sacramento nós temos os sinais daquilo que ainda terá lugar ou já o teve antecipadamente, é preciso explicar o sentido dos sinais e dos mistérios (*Apud VV.AA, 2015, p. 792*).

Sendo assim, segundo Lima (2016), as catequeses mistagógicas eram o aprofundamento do mistério celebrado no tempo da quaresma, como dos Sacramentos recebidos na vigília pascal. Era mais que uma catequese sobre doutrinas, englobava tudo aquilo que fazia parte do percurso de iniciação. Favorecia, sobretudo, a integração gradual e progressiva na comunidade de fé, despertando uma fervorosa vida cristã. A mistagogia englobava toda a vida litúrgica cristã, pois, de certa forma, tudo estava envolvido no mistério.

Mazza (2020, p. 21) ressalta que o termo mistagogia pode indicar três realidades segundo os Santos Padres da Igreja: a) a celebração propriamente dita dos sacramentos da Iniciação cristã para São João Crisóstomo; b) a catequese sobre esses mesmos sacramentos segundo São Cirilo de Jerusalém; c) uma teologia fortemente espiritualizada que se nutre da experiência fortemente litúrgica segundo Dionísio. Percebe-se, pois, que, para os Santos Padres, mistagogia, liturgia e catequese estão entrelaçadas entre si. Segundo Paro (2014b, p. 264):

Estes termos eram aplicados em diferentes situações e significados: como introdução aos mistérios; como iniciação ao mistério do Batismo e da Eucaristia; como a revelação na Bíblia; como introdução ao Mistério de Cristo, do Espírito Santo e da Igreja; e também como ensinamento espiritual.

Nesse sentido, Caspani, (2013, p. 20) afirma que "a mistagogia, é o tempo no qual a Igreja acompanha os primeiros passos do desdobrar-se do dom sacramental na vida daquele que o recebeu".

As catequese mistagógicas, propriamente ditas dos séculos III e IV, tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da teologia e da liturgia cristã católica, especialmente no contexto da Igreja primitiva, que estavam, de certa forma, firmando suas raízes. As catequese mistagógicas eram destinadas aos neófitos, ou seja, àqueles que haviam sido recentemente batizados, e tinham como objetivo principal introduzi-los no mistério dos sacramentos, especialmente o Batismo, o *Myriom* (Crisma) e a Eucaristia, a partir de uma experiência espiritual, simbólica e profunda. Segundo Cabasilas, (2020, p. 111):

O mistério produz os seus efeitos em todos os que foram iniciados, mas nem todos têm percepção dos dons e solicitude por este tesouro, para tirar proveito daquilo que lhes foi dado: uns porque ainda não são capazes de ter consciência deles por causa da idade, outros porque não se prepararam nem demonstraram o devido fervor. Em alguns destes, mais tarde, o arrependimento dos seus pecados, as lágrimas e uma vida de acordo com a reta razão vieram a manifestar a graça que fora infundida nas suas almas.

Segundo Giraud (2003, p. 8), as catequese mistagógicas dos Santos Padres são uma expressão perfeita de metodologia sacramental e constituem um itinerário modelo insuperável. Para eles, o lugar privilegiado onde se estudam os Sacramentos e onde o mistério é revelado é a Igreja: é nela que se aprende a fazer mistagogia. Não se poderia compreender o mistério sem o mistério, e esse era iluminado pela luz do Espírito Santo através das catequese, que o neófito iria

compreender. Não é a partir apenas da inteligência racional, mas a partir da fé, que o mistério produzirá os frutos necessários na vida daquele novo cristão. A mistagogia na visão dos Santos Padres é a pedagogia do mistério, é deixar abrir os olhos e o coração para melhor entender os Sacramentos e a vida cristã.

Mazza (2020, p. 13) afirma que “a mistagogia, quer ser uma explicação teológica não somente do fato sacramental, mas também de cada um dos ritos de que é composta a celebração litúrgica”.

Como se percebe, a mistagogia não era um método teórico catequético de ensino, mas conduzia o neófito, aquele que se tornou filho da igreja, a assimilar a partir de dentro o anúncio de Cristo e dos sinais que ele recebeu, levando a um melhor entendimento da celebração e dos seus mistérios. Era uma maneira de conduzir o outro ao mistério celebrado, partindo dos sinais visíveis para as realidades invisíveis, conduzindo aquele que recebeu os Sacramentos a uma experiência com o Grande Sacramento: Jesus Cristo.

Segundo Costa (2015, p. 15), “na Igreja dos séculos III e IV, a iniciação Cristã foi compreendida como um caminho, um processo, uma trajetória: de introdução, abertura e diálogo com o Mistério de Deus”. É um movimento que busca formar e estruturar o catecumenato, isto é, uma forma de evangelização destinada àqueles e àqueles que querem aderir à comunidade cristã. Não se nascia cristão, mas se tornava, e para se tornar era preciso passar por um processo intenso de preparação e purificação. Nessa trajetória, o fiel era introduzido na vida de fé da Igreja, seus ritos e liturgia.

Com isso, vale ressaltar que os Padres da Igreja eram homens do mistério, eram catequistas natos, e com grandiosidade desenvolveram um processo de formação no qual a vida pessoal, a espiritualidade, os ritos litúrgicos e a comunidade estavam integrados, unidos entre si. Percebe-se que é o tempo de ouro do itinerário mistagógico e catecumenal, pois “mistagogia é uma terminologia, mas, para além da demarcação etiológica, devemos estar atentos à riqueza deste conceito central para a Iniciação Cristã” (Costa, 2015, p. 21).

Neste período, destacam-se grandes nomes como Basílio de Cesareia, Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Agostinho de Hipona

e Cirilo de Jerusalém, sendo este último o mais conhecido por conta de suas catequeses chamadas de mistagógicas. Para Mazza (2020, p. 17):

O termo mistagogia significa, hoje, a catequese sobre os Sacramentos com uma particular referência ao âmbito da iniciação cristã e à profundidade espiritual da explicação dos ritos litúrgicos. O sentido mais genérico de “explicação dos ritos litúrgicos” proviria do início da época bizantina.

Portanto, para Silva (2022, p. 37), é nos padres da Igreja que o termo mistagogia ganhará forte destaque, sendo apresentado por eles de forma mais abrangente, compreendendo as dimensões teológica, litúrgica e pastoral.

Costa (2015, p. 17) recorda que os padres associaram as dimensões sacramentais do Batismo, da Eucaristia e dos demais sacramentos ao termo mistagogia, ou seja, “iniciação aos mistérios”. Percebe-se que os padres aplicarão o termo para diferentes realidades, demonstrando, assim, que esse é um conceito bem abrangente, e que abarca não somente a liturgia, mas também a teologia e a pastoral. A seguir, será apresentado um pouco do período da catequese e dos degraus que se subiam nesse itinerário de iniciação.

Para Bento XVI (2007), “o mistério que se deve desvendar é o desígnio de Deus, que se realiza através das ações salvíficas de Cristo na Igreja. Por sua vez, a dimensão mistagógica está acompanhada dos símbolos, que expressam a vivência espiritual que eles fazem explodir”.

1.2 Querigma, Catecumenato e Mistagogia Patrística

Percebe-se que a catequese faz parte de todo o caminho de evangelização da Igreja. Desde o início do cristianismo, era notória a atenção que se dava àqueles que queriam aderir à fé na pessoa de Cristo e ao seu percurso de iniciação. É importante destacar que, para se aderir à pessoa de Cristo, era preciso passar por um processo de iniciação onde se apresentava o querigma e, após o anúncio deste, iniciava-se o tempo do catecumenato com os seus diferentes ritos e símbolos e, após a recepção dos Sacramentos, começava-se o tempo dos mistérios, das catequeses mistagógicas.

Nery (2019), apresenta o querigma como um anúncio da Boa Notícia para provocar o catecúmeno à conversão, à adesão a Jesus Cristo, como Filho de Deus

que morreu e ressuscitou, e também à adesão a um modo novo de viver o relacionamento, seja com Deus, como com as demais pessoas. Para Nery (2019, p. 56):

A pregação (querigma), à semelhança do discurso querigmático de Pedro, visa a fazer a pessoa chegar ao passo essencial do encontro pessoal com Jesus Cristo e à conversão (metanoia), implicando a renúncia ao passado, o arrependimento dos pecados, a adesão pessoal a Jesus Cristo e a mudança de vida por causa dele.

Carvalho (2024, p. 4) apresenta o querigma pascal como o fundamento que dá origem à comunidade de fé dos crentes. Ele resulta de uma experiência pessoal e autêntica com Jesus Cristo ressuscitado, que passou pela cruz, e da qual os discípulos são testemunhas fiéis, convidando outros a compartilharem dessa mesma experiência. O conteúdo central desse primeiro anúncio querigmático consistia na vida de Jesus de Nazaré, em sua pessoa, na sua mensagem evangélica e na sua missão, dando ênfase à sua paixão, cruz e ressurreição.

Segundo Lima (2016, p. 24), o anúncio querigmático é o “núcleo central da pregação apostólica, a raiz geradora de toda a fé cristã”. A base de toda catequese querigmática estava na Palavra de Deus, principalmente nos evangelhos.

Era a partir do contato com a Palavra de Deus que o catecúmeno recebia o núcleo central da fé cristã católica. Nesse percurso de iniciação, o querigma era algo essencial para tornar-se cristão: referia-se à proclamação inicial e à essência da mensagem cristã. Não tinha como abraçar a fé cristã sem um anúncio querigmático acerca da pessoa de Cristo. Esse era o anúncio fundamental do Evangelho, focando nos aspectos centrais da fé: a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, levando o catecúmeno a uma conversão sincera e radical. Segundo Sesboué (2005, p. 60):

A celebração do Batismo requer, na verdade, uma preparação que consiste numa conversão à fé e numa conversão de vida. Exige uma instrução de ordem moral e de ordem doutrinal. Tudo isso exigia tempo e requeria uma instituição adaptada, a instituição catecumenal.

Nota-se, portanto, que a iniciação à vida cristã era organizada por meio do anúncio do querigma e do tempo do catecumenato, processo criado e difundido com o objetivo de garantir a formação adequada dos novos membros na comunidade eclesial. Percebe-se que esse percurso não se resumia a dar conteúdos dogmáticos, mas a levar a pessoa a uma experiência pessoal com Cristo por meio

do anúncio da Palavra e dos seus mistérios salvíficos celebrados. É só a partir do batismo que o homem será verdadeiramente livre e perdoado.

Segundo Castellano (2008, p. 1001), a iniciação catequética, ou catequese mistagógica, oferece aos fiéis já introduzidos nos mistérios por meio do catecumenato e do Batismo a oportunidade de aprofundar o conhecimento dos ritos, orações, palavras e da complexidade do mistério litúrgico, de forma não apenas intelectual. Um exemplo disso é o conhecimento do ano litúrgico, de seus tempos e celebrações.

O grande teólogo oriental Cabasilas (2020) afirma que através do Batismo o homem é reconciliado com Deus, o óleo da unção honra-o com os dons do céu e pela virtude da sagrada mesa é dado ao iniciado ter parte na carne e no sangue de Cristo. O catecumenato introduzia, de certa forma, aquele que queria se tornar cristão a uma caminhada litúrgica estruturada em etapas, símbolos e ritos específicos, preparando-o para o banho da regeneração, como afirma Ambrósio (2019), onde o catecúmeno seria iluminado. Esses tempos do percurso de iniciação podiam ser chamados de degraus, graus, passos, portas ou patamares. Era um tempo profundo de preparação pessoal e comunitária, onde o candidato seria preparado e avaliado para ver se estava apto a receber os sacramentos. Para Sesboué, (2005, p. 61):

No final desse primeiro período, os que decidem se inscrever para a preparação do batismo a se realizar na noite pascal são apresentados por seus padrinhos ao bispo, que, mediante inquirição, examina se sua vida durante o período de preparação remota esteve conforme às exigências cristãs e verifica se deram prova de uma real conversão: "Viveram eles honestamente enquanto eram catecúmenos? Respeitaram as viúvas? Visitaram os doentes? Fizeram todo tipo de boas obras?" Os padrinhos se apresentam como fiadores da sinceridade de suas disposições diante da comunidade eclesial. O bispo procede, então, a sua inscrição no registro do "patrimônio de Cristo". Essa diligência constitui, da parte deles, um engajamento definitivo: tornam-se "eleitos" (electi) no Ocidente, "os que vão ser iluminados" (photizômenoi) no Oriente.

A preparação imediata que o catecúmeno vivenciava era a parte mais intensa e espiritual desse processo de preparação de iniciação cristã, que culmina com a recepção dos sacramentos, do Batismo, Eucaristia e Crisma, durante a Vigília Pascal.

Para Caspani (2013), a Quaresma, nesses primórdios do cristianismo, é um tempo litúrgico de profunda conversão e penitência, significativo para os

catecúmenos, pois marca o período de purificação e iluminação, no qual eles intensificam sua preparação espiritual. Para Sesboué, (2005, p. 61):

A celebração prossegue com a proto-catequese pronunciada pelo bispo, que dá o sentido da preparação batismal e convida à alegria por esse tempo de núpcias espirituais. Mas trata-se, também, de um tempo de provação e de combate espiritual: são quarenta dias de treino e exercício com jejuns, orações e escuta assídua das catequese. A preparação dura seis semanas no Ocidente, oito semanas no Oriente, isto é, o tempo da Quaresma, firmemente instituída a partir do século IV. Excetuando-se os sábados, há reuniões todos os dias, domingo inclusive, presididas pelo bispo. A formação comporta um aspecto catequético, ascético e ritual.

Para Carvalho (2024, p. 4), percebe-se que “o processo de iniciação está estruturado em quatro tempos: o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação, a iluminação e a mistagogia”. Essas etapas correspondiam às grandes celebrações, que são passagens de um tempo a outro. Essas passagens são divididas em: rito de admissão ao catecumenato, o rito de eleição, e as celebrações menores como a inscrição do nome, as entregas do símbolo, da oração do Senhor, os exorcismos, as bênçãos, as unções, entre outros.

A preparação mais intensa para o batismo, como afirma Daniélou (2013, p. 46), começava no início da quaresma, inaugurando assim a preparação imediata do catecúmeno. Ao começar a preparação no início da quaresma os candidatos formavam um grupo novo, aqueles que entram na luz. Para Lima (2016, p. 28):

No III século, o catecumenato alcançou seu máximo vigor e rigor: estava estruturado em quatro tempos: pré-catecumenato (primeiro anúncio), catecumenato propriamente dito (instrução, catequese, conversão), iluminação-purificação (tempo quaresmal-pascal) e mistagogia (pós-sacramento). Durava de dois a três anos, no final dos quais havia outro escrutínio para escolher os candidatos ao Batismo, após o qual se seguia a catequese mistagógica (aprofundamento dos mistérios-sacramentos).

Segundo Costa (2015, p. 15), “o processo catecumenal era compreendido como um caminho de aprendizagem global para ajudar os neófitos a se tornarem discípulos de Cristo”. O catecumenato queria, de certa forma, levar o iniciado a tornar-se discípulo de Jesus Cristo, aderindo à sua palavra e ao seu modo de vida verdadeiramente evangélico. Nesse tempo, a intensa preparação espiritual estava mais relacionada à vida interior do que à catequese. Procurava-se purificar os corações e os espíritos pelo exame de consciência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador. Para Eicher (1993, p. 69):

Pertence às realizações fundamentais indispensáveis da Igreja. Ela nasce da missão de “fazer que todas as nações se tornem discípulos”, “ensinando-as a observar tudo quanto” Jesus mandou (cf. Mt 28,19s). A catequese surge então da fidelidade à Palavra de Deus que na Igreja é aprendida e transmitida, celebrada e passada à vida.

Observa-se que, nesses primeiros séculos, o caminho para a recepção do Batismo seguia alguns passos essenciais. Inicialmente, havia a pregação da Palavra, que tinha o objetivo de despertar o interesse pela fé e incentivar a conversão; em seguida, a fé era cultivada por meio da instrução catequética; depois, ocorria o período de retiro quaresmal, que proporcionava um tempo de amadurecimento espiritual, culminando com a celebração dos sacramentos na Vigília Pascal, chamada também de a noite do grande “Lucernário”, como afirma Cervera (1991, p. 80).

Após essa celebração, onde o catecúmeno entrava na fonte e se tornava neófito, acontecia a catequese mistagógica durante a oitava da páscoa até o segundo Domingo de Páscoa, chamado *In Albis*, momento em que os ritos sacramentais eram revisados e explicados de forma detalhada e onde o neófito entregava a veste branca a Igreja.

Esse processo evidenciava que aqueles que se aproximavam da fé cristã embarcavam em uma jornada de amadurecimento espiritual, mesmo que o catecumenato ainda não estivesse completamente estruturado.

O período de purificação e iluminação dos catecúmenos normalmente ocorria durante a Quaresma, uma vez que, tanto na liturgia, quanto na catequese litúrgica, esse tempo é dedicado à renovação da comunidade de fiéis, por meio da preparação para o Batismo e da prática da penitência. Esse processo envolvia tanto os catecúmenos quanto os já batizados, preparando todos para a celebração do mistério pascal, que é aplicado individualmente por meio dos sacramentos da iniciação cristã.

Para Modesto (2021), o segundo estágio da iniciação cristã inicia-se com o período de purificação e iluminação, que tem como objetivo preparar de maneira mais profunda o espírito e o coração dos candidatos. Nesse momento, a Igreja realiza a eleição, ou seja, a seleção e aceitação daqueles catecúmenos que, demonstrando as disposições adequadas, estão prontos para participar dos sacramentos de iniciação na próxima celebração. Esse rito é denominado "eleição"

porque a aceitação realizada pela Igreja é baseada na escolha divina, em nome de quem ela atua. Também é chamado de "inscrição do nome", pois os candidatos registram seus nomes no livro dos eleitos, como um compromisso de fidelidade.

Segundo Lima (2016, p. 24), "seu núcleo central é o Reino de Deus pregado por Jesus, que se confunde com sua própria pessoa; a proximidade desse Reino, a conversão a ele para dar início aos últimos tempos: em Cristo Jesus...".

Percebe-se que, no contexto do cristianismo primitivo, o querigma era a primeira apresentação da mensagem cristã aos não-cristãos e aos recém-convertidos, com o objetivo de inspirar a fé e o arrependimento. O querigma estabelecia as bases da fé cristã e convidava as pessoas a uma conversão genuína. Segundo Lima (2016, p. 29):

Esse processo catecumenal-catequético compreendia o ensino, liturgia e exercício de transformação de vida (conversão, penitência). Era pela penetração progressiva da Palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os Sacramentos da noite pascal: Batismo, Confirmação e Eucaristia. O mergulho nas águas batismais era o sinal-sacramento de seu mergulho na Morte e Ressurreição de Cristo; do Batismo, o catecúmeno saía uma nova criatura; participava do Banquete Eucarístico e era ungido com o óleo do santo Crisma. Foram os ritos mistérios da iniciação, inspirados também em antigas tradições religiosas, que depois foram purificados, adaptados e inovados pela Igreja.

Esse processo, como se observa, é um percurso espiritual que leva os catequizandos a uma experiência de fé profunda, permitindo que a Palavra de Deus penetre em suas vidas e os prepare para a recepção dos Sacramentos na noite pascal, sendo assim, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, o coração da Iniciação Cristã.

E o Batismo é um momento central dessa iniciação, simbolizando a morte e ressurreição de Cristo. Ao ser imerso nas águas batismais, o catecúmeno não apenas passa por um ritual externo, mas participa de um profundo mistério espiritual que o transforma em uma nova criatura. Essa transformação é reafirmada com a participação no Banquete Eucarístico, onde o fiel é alimentado com o Corpo e Sangue de Cristo, e com a unção do óleo do Santo Crisma, que o capacita para viver a vida cristã em plenitude e maturidade espiritual. Dessa forma, o querigma se revela como um convite à conversão genuína e ao comprometimento com a vida cristã, ao mesmo tempo em que oferece um fundamento sólido para a formação espiritual e comunitária dos fiéis.

1.3 A mistagogia em Cirilo de Jerusalém

Cirilo de Jerusalém, um daqueles grandes homens do século IV, nasceu provavelmente em Jerusalém, no ano de 315 d.C. Recebeu uma excelente formação literária; foi esta a base da sua cultura eclesiástica, centrada no estudo da Sagrada Escritura. Foi ordenado presbítero pelo Bispo Máximo II e, quando este faleceu ou foi deposto, em 348 foi ordenado Bispo de Jerusalém por Acácio, influente metropolita de Cesareia da Palestina, filoariano, convencido de ter nele um aliado. Por isso, foi suspeitado de ter obtido a nomeação episcopal mediante concessões ao arianismo.

No ano de 381, participou do Concílio de Constantinopla. Como afirma Drobner (2008), a importância de Cirilo para a patrologia se baseia não nos escritos dogmáticos, mas sim nas catequeses feitas por ele para os candidatos ao Batismo ou para os recém-batizados, durante a quaresma e o tempo pascal. Foram transmitidas 24 catequeses ao todo, uma pró-catequese para o início do período de imediata preparação como candidatos ao Batismo, 18 catequeses ao longo da quaresma e cinco catequeses mistagógicas para os recém batizados durante a semana da páscoa.

É necessário distinguir em Cirilo o teólogo e a testemunha da fé e da tradição cristã, de modo geral, e da Igreja de Jerusalém, em particular. Como teólogo ele não apresenta a profundidade doutrinal dos Padres da segunda metade do século IV, defensores da ortodoxia, como Santo Atanásio e Santo Hilário ou teólogos como São Basílio e os demais Padres Capadóciolos que marcaram o pensamento teológico, influenciando as gerações futuras.

Cirilo é uma valiosa testemunha da Tradição antiga e eco da fé católica professada no Concílio de Nicéia. São Cirilo de Jerusalém é venerado como santo pela Igreja Católica Apostólica Romana, pelas Igrejas Ortodoxas e pela Igreja Anglicana. Em 1883, Cirilo foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Leão XIII.

Uma das maiores contribuições de São Cirilo foi sua série de vinte e quatro célebres catequeses, apresentadas por volta do ano 350. O mais interessante é que elas abordam vários assuntos que foram, são e serão relevantes até o fim dos tempos: Batismo, conversão dos costumes pagãos, verdades contidas no Credo,

Crisma e Eucaristia. São Cirilo, que marcou profundamente a tradição catequética da Igreja, faleceu em 18 de março de 387 d.C em Jerusalém.

Tendo como pano de fundo as grandes controvérsias com Acácio, que seguia a heresia ariana, Cirilo de Jerusalém aparece e se destaca por sua ortodoxia e zelo pastoral, principalmente com aqueles que estavam começando a trilhar o caminho do cristianismo. Segundo Costa (2015, p. 33), as catequeses de Cirilo de Jerusalém estavam centradas na formação dos iniciantes na fé e na adesão pessoal a Cristo, numa perspectiva sacramental, integral e mistagógica, sendo aclamado por muitos como o catequista por excelência, reconhecido pelos padres conciliares de sua época como um homem verdadeiramente de Deus, comprometido com a catequese dos estrangeiros, dos pagãos e daqueles que estavam sendo iniciados na fé de Cristo e da Igreja.

Cirilo de Jerusalém, além de Bispo, pôde, com sua fé ortodoxa, combater as posições de Ário e de Acácio, um formidável mistagogo com toda riqueza que essa palavra significa. Em Cirilo, mistagogia não são só as catequeses, as explicações acerca dos mistérios de Cristo, mas toda a realidade Sacramental é também mistério. Neste sentido, assim ele se expressou (2020, p. 32):

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais melhor preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo. Uma vez, pois, que vos proporemos uma mesa com doutrinas de iniciação perfeita, é necessário ensinar-vos com precisão, para penetrardes o sentido do que se passou convosco nesta noite batismal.

Para Corbellini (2023), Cirilo foi um dos bispos do século IV que mais aprimorou o conceito de catequese e de mistagogia, para que as pessoas pudessem receber bem os sacramentos na unidade com Deus Uno e Trino e com a Igreja. Vale ressaltar que suas catequeses não cessavam após a recepção dos Sacramentos, mas na semana após a Páscoa mantinha contato formativo com os que receberam os sacramentos, dando a eles as chamadas catequeses mistagógicas, ou a explicação dos mistérios recebidos na noite santa da Páscoa.

Costa (2014, p. 15) apresenta Cirilo como o grande padre da mistagogia e que a mistagogia nos seus escritos, é, em suma, a pedagogia do mistério. Cirilo é pedagogo, ou seja, aquele que como bom mestre conduz ao mistério, revelando-o sem o esvaziar. Suas catequeses falam de fé e de suas fontes: a Sagrada Escritura, e a Tradição, unidade e Trindade de Deus e etc. Pois, para Cirilo de Jerusalém (2020, p. 28-29) “pelo batismo o cristão participa da vida mesma de Cristo. Cristo assumiu toda a realidade humana para que pudéssemos participar da sua salvação”.

É através da mistagogia que o homem mergulha nos mistérios salvíficos de Cristo. Para Giraud (2003, p. 8-9):

O mestre não se põe no centro da cena, mas do lado: No centro está o altar, já que estamos na igreja. Mistagogo e neófito comportam-se como se tivessem, à maneira dos camaleões, o controle independente dos olhos. Com um olho, ou seja, com o olhar material, mestre e discípulo se olham: O mistagogo olha com amor para os neófitos e os neófitos olham com confiança para o mestre. Mas com o outro olho, o olho teológico, mestre e discípulo olham para o altar, não perdem de vista um só instante. O altar é o verdadeiro mestre.

Costa (2015, p. 53) enfatiza que Cirilo está em perfeita unidade com seus contemporâneos da mistagogia, Ambrósio, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia, que considerava o tempo da mistagogia um tempo forte e necessário para o conhecimento no sentido profundo e interior, e para se aderir à fé em Cristo.

Mesmo sendo um homem culto, Cirilo irá se utilizar de palavras simples e profundas para tocar os corações dos seus neófitos, utilizará da simplicidade para através da simbologia explicar os mistérios, fazendo todo um paralelo com a Sagrada Escritura para desvendar os mistérios recebidos na vigília. Esse caminho mistagógico na visão de Cirilo é uma imagem do paraíso, um lugar pleno de luz, de bondade e amor. Deixar-se conduzir é deixar-se entrar naquele paraíso que Cristo preparou para todo fiel que fielmente, de todo o coração, aderiu a Ele e ao seu projeto. Para Figueiredo (2020, p. 29):

Quanto ao estilo, ele é bastante popular e simples. Diante de um auditório, que era de iniciantes na fé, sua linguagem assume uma feição muito familiar. É em tom de conversação que ele desenvolve as instruções. Muitas vezes ele deixa o tratamento «vós», que é empregado quando ele se dirige aos seus ouvintes de modo geral, e fala em «tu» como se estivesse se dirigindo pessoalmente a alguém. Refletem as Catequeses comunicação e

clareza de linguagem. Algumas vezes, porém ele deixa perceber uma eloqüência muito viva.

Contudo, nota-se que as Catequeses Mistagógicas de Cirilo são, na sua essência mais profunda, uma introdução ao autêntico significado dos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Crisma e Eucaristia. Ele explica, com detalhes, o rito batismal, os significados simbólicos da água, do óleo e da imposição das mãos, ajudando os neófitos a compreenderem o mistério espiritual que haviam experimentado. Com isso, Cirilo não se limitava a uma explicação meramente externa dos ritos, mas conduzia os recém-batizados a uma compreensão mística e espiritual do que haviam vivido. Por exemplo, Cirilo interpretava a descida às águas do batismo como um mergulho na morte e ressurreição de Cristo, uma verdadeira participação no mistério pascal. Para Cirilo de Jerusalém (2020, p. 44) “E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe”. O Batismo em Cirilo é morte e vida, sepulcro e útero, é regeneração da verdadeira vida. Segundo Cirilo de Jerusalém (2022, p. 53-54), seu método mistagógico são mais que sermões:

Não penses que se trata de sermões ordinários. Estes são bons. Mas se hoje nós os negligenciamos, poderemos compreendê-los amanhã. Ao contrário, o ensinamento seguido sobre o batismo da regeneração, se tu o negligências hoje, quando o encontrarás? É o tempo da plantação das árvores. Se nós negligenciamos o cavar e o regar, como tu poderás plantar bem o que uma vez foi mal plantado? A catequese é um edifício. Se nós descuidamos de cavar bem as fundações, se nós deixamos buracos e permitimos que a construção seja frágil, para que servirá todo trabalho ulterior?. É preciso pôr pedra sobre pedra, fiada sobre fiada, tirando o supérfluo: assim se levantara um edifício harmonioso. Do mesmo modo trazemos-te as pedras do conhecimento.

Portanto, percebe-se que suas catequeses são de um valor imenso. Estão longe de serem meros discursos teológicos, mas algo muito mais profundo, como mergulhar nas águas profundas do mistério de Cristo através dos Sacramentos e dos Ritos celebrados. Para Drobner (2008, p. 320) em Cirilo “a única coisa que pode ser importante é a prontidão interior para receber a sublime graça batismal. Um banho de purificação”. Para Costa (2015, p. 104-105):

Cirilo de Jerusalém atua como teólogo e como catequista, estabelece um diálogo entre anúncio evangélico e a problemática de seu tempo. Persevera no anúncio querigmático, num processo de evangelização fiel à sua compreensão teológica e ao magistério. Considera as características dos

grupos iniciantes, seu contexto social, cultural e religioso e, de forma original, constrói um caminho mitológico.

Deste modo, sabe-se que as catequeses mais que doutriniais estavam imbuídas de sentido espiritual e litúrgico e cada uma delas tem como raiz profunda o anúncio querigmático. Foram transmitidas no total 24 catequeses, sendo uma pró-catequese para o início do período de preparação imediata para o candidato que desejava receber o Batismo, depois 18 catequeses realizadas no período da quaresma para os candidatos ao batismo e 5 catequeses mistagógicas para os neófitos (recém-batizados) durante a semana da páscoa.

Tão parecido e ao mesmo tempo tão distinto dos demais padres da mistagogia, Cirilo tem características próprias de transmitir a fé. Para Castellano (2008, p. 102), suas catequeses mistagógicas tinham como metodologia, a posteriori, a evocação de uma experiência depois de ter sido vivida, não se tratando apenas de uma catequese doutrinária, mas de um convite ao conhecimento global, total, em que até a alusão a símbolos cheios de significados, a pia batismal, por exemplo, como vimos, sepulcro e seio materno, que tendem a envolver toda a profundidade da psique humana. Para Bento XVI (2007), a catequese mistagógica de Cirilo era:

Um momento importante, inserido no amplo contexto de toda a vida, em particular a litúrgica, da comunidade cristã, em cujo seio materno acontecia a gestação do futuro fiel, acompanhada pela oração e pelo testemunho dos irmãos. No seu conjunto, as homilias de Cirilo constituem uma catequese sistemática sobre o renascimento do cristianismo através do Batismo. Ao catecúmeno ele diz: "Caíste na rede da Igreja (cf. *Mt* 13, 47). Deixa-te, portanto, apanhar vivo; não fujas, porque é Jesus que te prende no seu anzol, para te dar não a morte, mas a ressurreição depois da morte. De fato, deves morrer e ressurgir (cf. *Rm* 6, 11.14)... Morres para o pecado, e vives para a justiça a partir de hoje" (*Procatechesi* 5)

Portanto, conclui-se que a mistagogia em Cirilo de Jerusalém reforçava a ideia de que a participação nos sacramentos não era um fim em si mesmo, mas o início de uma nova vida, vivida no seio da comunidade cristã, uma vida verdadeira, onde Cristo é o centro de tudo. Cirilo, ao acompanhar os neófitos, ajudava-os a perceber sua inserção e importância no Corpo de Cristo, em cada batizado vivia Cristo. Sua ênfase estava no mistério pascal da Eucaristia como o ápice da vida cristã, onde os fiéis participam do Corpo e Sangue de Cristo. Ao guiar os neófitos, não estava preocupado apenas numa compreensão intelectual dos mistérios, mas,

antes de tudo, em uma vivência prática e profunda da fé cristã. Ao ensinar os mistérios (sacramentos), transformava o mais profundo do interior dos cristãos, tornando-os novas criaturas em Cristo e capacitando-os a viver de acordo com os valores evangélicos inseridos na Igreja, sendo verdadeiramente homens renascidos em Cristo.

2 A CATEQUESE DO VATICANO II À LUZ DAS FONTES DA MISTAGOGIA

Depois de ter considerado a importância das catequeses mistagógicas dos séculos III e IV passa-se, agora, a analisar a dimensão catequética a partir do Concílio Vaticano II à luz das fontes da mistagogia. Apresenta-se, a seguir, como, depois da época patrística, a catequese ficou reduzida mais a ensino de doutrinas e à memorização de preceitos, sem a dimensão mistagógica. Sucessivamente-se, porém, a partir não somente do Concílio Vaticano II, mas dos movimentos que o precederam, começou a ser retomada a visão de uma catequese mistagógica nas perspectivas dos Padres da Igreja. Diante disso, apontam-se rumos a uma virada catequética à luz das fontes da mistagogia.

2.1 Uma catequese sem mistagogia

Com a expansão do cristianismo, a Igreja foi se afastando daquilo que por muitos anos foi o seu método oficial de transmitir a fé. O método querigmático catecumenal e mistagógico ficou para trás. Aquele itinerário formativo e litúrgico dos Santos Padres foi cada vez mais ficando no passado e esquecido. Catequizar se transformou em ensinar doutrinas e decorar preceitos. A catequese não era mais fruto de uma experiência, de um encontro pessoal e transformador. Com isso, surgem as aulas de catecismos, e a catequese de uma experiência profunda com o mistério virou um ambiente escolar onde estudar e decorar o catecismo e a doutrina católica.

O método querigmático, catecumenal e mistagógico, amplamente aplicado pelos Santos Padres, deixou de ser o modelo predominante de transmissão da fé. Este método integrava liturgia e catequese, proporcionando um caminho formativo que envolvia não apenas o ensino doutrinal, mas uma imersão espiritual e experiencial nos mistérios da fé cristã. Contudo, com o passar do tempo, percebe-se que a catequese passou a se assemelhar mais a uma prática escolar, focada no ensino de doutrinas e na memorização de preceitos, abandonando, em grande parte, a dinâmica transformadora de um encontro pessoal com Cristo. Segundo o Documento 107 da CNBB (2017, n. 58):

A inspiração catecumenal necessita da consciência da verdade expressa por Tertuliano: "os cristãos não nascem, se fazem". Ou ainda, como diz o Documento de Aparecida, citando o Papa Bento XVI: "não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva".

Essa mudança marcou uma transição significativa no modo de catequizar, transformando o que antes era uma experiência profunda com o mistério em um processo mais técnico e informativo. A experiência com o mistério salvífico de Cristo pelos sacramentos foi ficando cada vez mais distante. O catecismo, que deveria ser um meio para levar ao conhecimento e à vivência da fé, tornou-se frequentemente um fim em si mesmo. A catequese passou a ser vista como um espaço de ensino e memorização da doutrina católica, em vez de um itinerário espiritual de crescimento e comunhão com Deus e com os irmãos.

Mas qual é a verdadeira finalidade da catequese? A esse respeito, encontra-se uma significativa resposta na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II (1979, n. 5):

O objeto essencial e primordial da catequese, pois, para empregar uma expressão que São Paulo gosta de usar e que é frequente na teologia contemporânea, é «o Mistério de Cristo». Catequizar é, de certa maneira, levar alguém a perscrutar este Mistério em todas as suas dimensões: «expor à luz, diante de todos, qual seja a disposição divina, o Mistério ... Compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade ... conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento... (e entrar em) toda a plenitude de Deus» (Ef. 3,9. 18 s.). Quer dizer: é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. E procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério. Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade.

Nota-se que, nesse contexto, o Papa João Paulo II reafirma a verdadeira finalidade da catequese, destacando que o objeto essencial e primordial da catequese é o Mistério de Cristo. Para ele, catequizar é, essencialmente, conduzir alguém ao encontro profundo com esse Mistério Divino, em todas as suas dimensões. Utiliza-se da expressão de São Paulo, que é recorrente na teologia contemporânea, para lembrar que o objetivo da catequese é expor e desvendar a plenitude do Mistério de Cristo, levando cada catequizando a compreender "a

largura, o comprimento, a altura e a profundidade" da caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento meramente humano (Ef. 3,9. 18 s.)

Segundo Lima (2016), à medida que o tempo foi passando, foi-se tornando cada vez mais nítido que a catequese precisava de uma renovação. O método dos catecismos já não estava sendo mais tão eficaz. Fazia-se necessário um método que conseguisse ajudar o homem atual a abrir o coração a Cristo, ao chamado retorno ao catecumentato e à mistagogia do início do cristianismo, onde o homem pudesse compreender a partir de dentro os mistérios. Como afirma Boselli, (2014, p. 32) "Aquele que participa da liturgia sem conhecer o mistério é, portanto, semelhante a um dançarino que dança sem ter o senso da música, sem conhecer o ritmo". Pois, quando o sentido dos ritos não é conhecido, o mistério fica como que escondido e se torna um peso que o cristão tem que carregar nos ombros. Participa, celebra, mas não é tocado nem evangelizado.

2.2 Retomada de uma catequese mistagógica a partir da vivência dos Padres da Igreja

De que maneira os Padres da Igreja apresentavam uma catequese mistagógica? A respeito disso, Giraudo (2003) considerou que os padres da Igreja especularam no culto e, a partir do culto, preocupados, no tocante aos sacramentos e à eucaristia em particular, não estavam preocupados em dar formas sistemáticas de catequese acerca do mistério, mas em introduzir o neófito ao mistério mesmo, através de uma compreensão orante. Em relação à teologia dos sacramentos, a catequese mistagógica é a catequese dos Santos Padres, que primeiro rezavam e depois criam, rezavam para poder crer, rezavam para saber como é o que deviam crer, pois, para eles, o lugar privilegiado em que se estudam os Sacramentos e se aprende da vida de Deus é a Igreja na celebração litúrgica. A chamada nova catequese, ao redescobrir a mistagogia, redescobre o mistério pascal, uma vez que, no mistério pascal, estava toda a centralidade e as bases da verdadeira catequese de Iniciação Cristã, pois ela coloca o catequizando dentro dos eventos salvíficos de Cristo. Para Caspani (2013, p. 240):

O mistério pascal coloca-se no centro da economia salvífica e consente superar uma visão puramente negativa da redenção, como liberação do pecado, para configurá-la, ao contrário, como o ingresso das pessoas salvas na vida trinitária e como início de um mundo novo, cuja plena atuação acontecerá na parusia. Entrementes, a categoria de mistério pascal evoca a modalidade através da qual as pessoas são habilitadas a participar deste mistério. Prioritariamente, a referência é aos sacramentos, colocados, porém, no quadro mais amplo, constituído pelas celebrações litúrgicas da Igreja. Graças a elas, realiza-se uma presença *sui generis* da páscoa de Cristo, na qual aquele que celebra é vitalmente coenvolvido.

Com toda a mudança de época e de pensamento, fazia-se necessário um retorno da catequese aos seus primórdios e, assim, poder reestruturar seus métodos de aplicabilidade para que se conseguisse com uma linguagem nova e atraente falar ao homem de hoje em um retorno ao catecumenato, um retorno aos Santos Padres e a toda riqueza litúrgica catequética. Segundo Nery (2019, p. 128):

Com o esquecimento, ao longo da história, do Itinerário Catecumenal na preparação de adultos à adesão a Jesus Cristo, à Igreja e à missão, o clero foi confiando cada vez mais, na força do contexto social, dominado pelo catolicismo. Aos poucos foi ocupando, com referenciais cristãos, celebrações e acontecimentos culturais e sociais, tudo na vida do povo, no dia a dia da família e da sociedade. Quatro ambientes, fortemente marcados pelo cristianismo católico, garantiriam, assim pensavam, a fé cristã: família, templo, sociedade e governo. O clero introduziu os "sermões" dominicais, de longa duração e fortemente moralizantes, como um dos meios para a formação do povo. Para isso, tinham aulas de retórica nos seminários. Aos poucos, o clero sentiu que precisava dar atenção às devoções populares e passou a favorecer celebrações devocionais, lugares especiais de culto e santuários.

Sendo assim, segundo Lima (2016), foi a partir de 1930, assim como os grandes movimentos que precederam o concílio Vaticano II, que a reforma na catequese foi também precedida por aquilo que se chamou Movimento catequético, que, juntamente com aquele Bíblico e Litúrgico, foram as bases para a reforma catequética e que ganhou espaço após o Vaticano II com os vários documentos. Embora não tenha produzido um documento exclusivo sobre a catequese, o Concílio apresentou intuições importantes para a renovação da catequese e que foram amadurecidas após. Uma dessas intuições foi a insistência na necessidade da Igreja católica adaptar a sua linguagem para mais efetivamente ser fiel à sua missão de anunciar o reino de Deus na realidade presente. Segundo Bento XVI (2007):

Um grande instrumento para introduzir o Povo de Deus no mistério de Cristo é a *catequese*. Nela, transmite-se de forma simples e substancial a mensagem de Cristo. Portanto, convirá intensificar a catequese e a

formação na fé, tanto das crianças como dos jovens e dos adultos. A reflexão madura da fé é luz para o caminho da vida e força para sermos testemunhas de Cristo.

Para Carvalho, H. R. *et al.* (2019), o movimento catequético desdobrou-se em três pontos ou três vertentes: o movimento querigmático, centrado no retorno bíblico-litúrgico e, principalmente, no mistério pascal de Cristo; o movimento antropológico-experiencial, centrado na pessoa que recebe o anúncio e na sua experiência dos mistérios da fé; e o movimento profético-libertador, centrado nas repercussões sociopolíticas da vida cristã da sociedade. Deste modo, o Concílio optou por uma postura metodológica que pode ser vista também como postura pedagógica e vivencial: um modo de colocar a verdade da fé em sintonia e diálogo com as verdades do mundo moderno contemporâneo. Também a sua teologia de fundo tem sua origem na autocomunicação de Deus que se comunica e fala aos homens de modo humano e quer conduzi-los à salvação através de Cristo. E o tempo da mistagogia é esse tempo de introduzir aos mistérios e alicerçar as bases da fé. Nesse sentido, para Caspani (2013, p. 240):

O tempo da mistagogia oferece ao neo-batizado ulteriores oportunidades de consolidação da nova condição de pertença eclesial. A mistagogia coincide com os cinquenta dias do tempo pascal, mas pode durar algumas semanas a mais, se a situação da pessoa o exigir. O Ordo pede que se reserve uma atenção específica aos neófitos nas missas dos domingos de Páscoa. Propõe, por volta de Pentecostes, uma celebração particularmente solene para assinalar o encerramento deste tempo, que é também o mais adaptado para a recepção do sacramento da Penitência.

Essa nova catequese começa a surgir com o Concílio e, principalmente, após ele, quer envolver o ser humano em todas as suas realidades e dimensões, sejam elas espirituais ou humanas. Sendo assim, o Concílio Vaticano II percebeu que, para comunicar a vida nova trazida por Cristo, era necessário uma restauração e reestruturação na catequese, e que esse percurso catequético precisaria ser conduzido pela mistagogia, ou seja, por aquela experiência espiritual acerca dos mistérios celebrados na liturgia como este momento especial para a educação da fé, e a específica ajuda que a catequese oferece aos catequizandos a fim de poderem perceber, compreender, participar e viver o mistério de Cristo.

Um outro ponto dessa nova catequese que se observa é que ela desperta todos os que creem para o compromisso apostólico da Igreja, uma abertura ao

mistério de Deus e do ser humano. E, assim, o homem se torna cada vez mais semelhante a Cristo. Neste sentido, João Paulo II escreveu (1979, n. 20):

A catequese, portanto, há-de tender a desenvolver a inteligência do mistério de Cristo à luz da Palavra, a fim de que o homem todo seja por ele impregnado. Deste modo, transformado pela ação da graça em nova criatura, o cristão põe-se a seguir Cristo e, na Igreja, aprende cada vez melhor a pensar como Ele, a julgar como Ele, a agir em conformidade com os seus mandamentos e a esperar como Ele nos exorta a esperar.

Para Boselli (2014), a mistagogia sendo esse método tão antigo e novo para a catequese pós-conciliar estava, de certo modo, ligada ao mistério de Deus celebrado, e estava ordenada para aquele grande mistério do qual a liturgia é manifestação. Com isso, percebe-se que a catequese não poderia estar divorciada da liturgia e da vida sacramental. A catequese precisava, com urgência, retornar a seu lugar por excelência: a liturgia, pois essa, por si só, é mistagogia.

Sendo a catequese mistagógica de valor desde dos primórdios da Igreja para a adesão à fé em Cristo e na sua Igreja, é necessário levar a sério a catequese e colocá-la como prioridade. Segundo João Paulo II, (1979, n. 01):

A catequese foi sempre considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo ressuscitado, antes de voltar para o Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: fazer discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo aquilo que lhes tinha mandado. Deste modo lhes confiava Cristo a missão e o poder de anunciar aos homens aquilo que eles próprios tinham ouvido do Verbo da Vida, visto com os seus olhos, contemplado e tocado com as suas mãos. Ao mesmo tempo, confiava-lhes ainda a missão e o poder de explicar com autoridade aquilo que Ele lhes tinha ensinado, as suas palavras e os seus atos, os seus sinais e os seus mandamentos. E dava-lhes o Espírito Santo, para realizar tal missão. Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias.

Segundo o Diretório Geral para a Catequese (Congregação para o Clero, 2020), foi a partir do século XX que se percebe uma volta à importância do querigma na catequese: a Igreja começa a olhar para o processo querigmático, catecumenal e mistagógico com esperança para os dias atuais. A verdadeira catequese encontra suas raízes no mistério Trinitário, uma catequese verdadeiramente transcendente.

Segundo a *Evangelii Gaudium* (2013, n. 111), “trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica

num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional”. Desde dos seus primórdios, a Igreja sempre viu na catequese um meio importante e grandioso de formar na fé os novos membros que queriam aderir a Cristo.

Dentro dessa realidade catequética está a mistagogia como aquela que poderá conduzir o homem moderno ao encontro verdadeiro com Jesus e com seu evangelho a partir de uma vida verdadeiramente litúrgica. O que leva o homem a uma conversão sincera é um anúncio mistagógico e atraente. Para Nucap (2013, p. 27):

A mistagogia é a arte de sermos iniciados no mistério da Páscoa de Cristo, da qual ganha sentido todos os atos salvadores de sua vida e que são atualizados na celebração da liturgia de acordo com o sinal empregado. A celebração litúrgica une a Palavra ao gesto ou elemento. Assim, um pequeno gesto se transluz e se torna magnífico porque cumpre a profecia da Palavra em nosso tempo como graça transformadora e efetiva do Espírito Santo na vida do cristão.

Vale também destacar que o Concílio Vaticano II não trouxe nada de novo, apenas convocou a um retorno às fontes do cristianismo, àquelas origens da Igreja que para os dias atuais são de suma importância. Sem sombra de dúvidas, a catequese, mais do que qualquer outra realidade, também foi chamada a retornar às suas fontes: Bíblicas, Litúrgicas e Patrísticas. Para compreender melhor a catequese e todo o seu percurso, foi necessário um voltar-se aos Santos Padres do início do Cristianismo, principalmente aos grandes mistagogos da fé, buscando novos caminhos e diretrizes para uma catequese verdadeiramente renovada. Para a CNBB (2017, n. 47):

O Concílio Vaticano II (1962-1965) nos convida a procurar novos caminhos para a transmissão da fé, em nosso tempo. Ele deu um impulso significativo e novo à pastoral, estimulando-a a ler os sinais dos tempos e escutar o Espírito que está em ação no mundo. O Vaticano II, recomendou oficialmente a restauração adaptada do catecumenato e apresentou os seus traços característicos.

Por conseguinte, observa-se que na era Patrística a catequese não se resumia apenas a dar conteúdos e transmitir ensinamentos, nem dar formações de catecismos, e o seu lugar não era com características escolares. A catequese acontecia dentro da vida Litúrgica, através dos seus ritos e das celebrações. Era na Liturgia que o mistério se revelava ao homem e, a partir deste encontro com o

sagrado, através dos vários ritos, o homem era evangelizado e aderira de todo o coração a Cristo, trilhando uma vida intensa de conversão e de transformação. Para Boselli (2014, p. 22):

O testemunho da fé pascal expresso nos evangelhos nos mostra, portanto, que nem as Escrituras, nem as palavras e os gestos de Jesus são suficientes para suscitar a profissão de fé da Igreja, mas é necessário que o Cristo Ressuscitado seja ele mesmo exegeta do seu mistério escondido nas Escrituras. É o Ressuscitado que abre as mentes dos discípulos para a compreensão das Escrituras, e não são as Escrituras a abrir as mentes para a compreensão do mistério de Cristo. Ao lado do testemunho dos Evangelhos, e em profunda fidelidade a ele, temos o testemunho da Igreja dos Padres, que atesta que não só as Escrituras, mas nem mesmo os ritos, os textos e os gestos litúrgicos sozinhos são suficientes para suscitar a profissão de fé pascal, mas é o Ressuscitado, na força do Espírito Santo, que se torna mistagogo e abre nossas mentes para a compreensão da liturgia. Afirmar, numa perspectiva de fé, que a mistagogia é uma ação eminentemente cristológica, significa, portanto, ter consciência de que só a inteligência do fiel não basta para compreender o mistério escondido na liturgia. A revelação do mistério de Deus é sempre um ato de Deus mesmo, porque só o mistério revela o mistério. Como toda vez quando a Igreja parte o pão da Palavra, Cristo mesmo é o exegeta do seu mistério, contido nas Escrituras, do mesmo modo, quando a Igreja mistagoga inicia os cristãos ao mistério contido na ação litúrgica, é Cristo mesmo que abre as mentes à inteligência da liturgia.

2.3 Rumo a uma virada catequética

Com a mudança de época exigindo respostas rápidas, a Igreja sente a necessidade de voltar-se para aquele método que, por anos, foi o seu método evangelizador, trazendo de volta a mistagogia para os dias atuais, uma catequese que valoriza o mistério e que, partindo dos ritos celebrados, adentra nos mistérios pascais da salvação, mas que, antes de tudo, proporciona uma experiência com o ressuscitado. Para Mazza (2020, p. 225):

A salvação é um caminho de crescimento na fé, que é uma verdadeira subida a Deus; também a mistagogia é uma subida que, partindo do rito, chega, por meio da Escritura, ao evento de salvação realizado por Deus. Na celebração do batismo, segundo Agostinho, os dois itinerários se conjugam e se tornam um só caminho para Deus. O caminho de conhecimento é enriquecido pela intervenção da vontade e assim se torna um itinerário de conversão.

Para Carmo (2016, p. 134), “a pessoa é iniciada nele. O mistério se revela à medida que é acolhido e a pessoa se deixa penetrar por ele”. Nessa acolhida humilde do mistério na liturgia, o mistério é vivido, celebrado e encarnado na vida do

catequizando, pois, o mistério fala mais ao coração que a razão. Uma catequese meramente doutrinal não converte quem a recebe e nem encanta. Só uma catequese imbuída pelo querigma e pelo mistério é capaz de levar quem a recebe a uma experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo. A catequese é chamada a ser esse lugar de encontro e de revisão da própria vida à luz do ressuscitado. Para Costa (2014, p. 98):

Diante da tarefa de evangelizar, a mistagogia convida a uma revisão da própria experiência de encontro com o Mistério e à superação de uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização, por outra que tenha seu primado no seguimento de Jesus, na abertura para a ação do Espírito na vida pessoal e comunitária. Enquanto pedagogia do Mistério, a dinâmica mistagógica torna-se inviável se não partirmos da presença originadora do Mistério no interior de cada pessoa, a começar pelos agentes de evangelização e a comunidade crente. Mistagogia é relação, relação delicada com o inefável que se faz presente e que dialoga com seus filhos e filhas. Para suscitar nos iniciantes essa abertura à graça de Deus presente na vida, é necessário um mergulho na espiritualidade fundante e fecundante de novas realidades.

Para a CNBB (2017, n. 54), “o encontro com o Messias, no mundo contemporâneo, é possível. Mas precisa ser proposto de maneira a cativar mais as pessoas, para que se possa fazer a experiência impactante da verdadeira adesão a Jesus”: uma catequese que, antes de mais nada, é fruto de um encontro e através deste encontro se muda a vida e as realidades. Desse encontro pessoal com o mistério de Cristo nasce a fé, onde o catequizando adere de todo coração ao Evangelho de Cristo e ao seu modo de viver. Para Carmo, (2016, p. 83-84):

A grande virada catequética se deu às vésperas do Vaticano II, quando foi levantado o problema do conteúdo da catequese. Surge na esteira da catequese uma questão importante acerca da articulação abstrata e escolar da catequese, propondo uma volta ao querigma e à tradição mais primitiva da Igreja.

Segundo Nery (2019), esse retorno às fontes para uma catequese mistagógica passou a ser dado para dinamizar o seguimento de Jesus Cristo, com uma correspondência na vida ao querigma e ao anúncio da salvação, levando em consideração as mudanças atuais significativas, sejam elas sociais ou culturais, e à urgente necessidade da Igreja cuidar do humano e do social, catequizando o homem num todo que ele comporta. Essa nova catequese deve priorizar a adesão pessoal e mais plena possível das pessoas a Jesus Cristo e à conversão sincera do coração.

Para o Papa Francisco (2013, n. 14), “a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho”. Uma catequese que contribui para que, ao serem iniciados nos mistérios de Cristo, aqueles mistérios sejam encarnados na própria vida de quem os recebe. O Papa Paulo VI, por sua vez, já solicitava uma virada catequética, neste sentido (1965, n. 14):

Vigiem que a instrução catequética, que se orienta a fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e operosa nos homens, seja cuidadosamente ministrada quer às crianças e aos adolescentes, quer aos jovens, quer até aos adultos: procurem que esta instrução seja dada segundo a ordem e o método que mais convêm não só à matéria de que se trata mas também à índole, capacidade, idade e condições de vida dos ouvintes, e que se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no magistério e na vida da Igreja.

Para Paro (2014a), o Concílio teve a intenção de reviver a essência da Iniciação Cristã presente nos primeiros tempos da Igreja, resgatando elementos fundamentais de caráter antropológico, cultural e teológico. Esse resgate buscava conferir maior profundidade e significado aos ritos e símbolos que permeiam o processo de iniciação. Com o Concílio Ecumênico Vaticano II, houve a decisão de restaurar o catecumenato dos adultos, adaptando-os às realidades atuais da época, um processo que seria dividido em etapas bem definidas que introduziriam a uma catequese abrangente com o foco no mistério celebrado. Com isso, o Concílio, voltando-se ao passado, buscou uma atualização desses métodos no presente da história. Segundo Casel (2009, p. 13):

A época em que vivemos abre-se como um retorno à vida da história do mundo, como uma volta de tal envergadura, que a Terra talvez nunca tenha visto coisa semelhante. Aliás, a humanidade nunca viveu, como em nossos dias, a necessidade de uma volta ao passado, de uma “conversão” e de uma vida nova, pois também nunca se distanciou tanto do Mistério de Deus, nunca se lançou à morte a este ponto.

Dessa forma, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) passou a ser um recurso valioso de atualização da experiência com o mistério de Cristo, cujo objetivo é inspirar e fortalecer as comunidades cristãs, ajudando-as a reavivar a espiritualidade e a vida litúrgica, na integração de novos membros à fé cristã. O RICA, ao ser resgatado pelo Concílio, apresenta-se, portanto, como um instrumento tão antigo e tão novo, mas essencial para guiar a vivência da fé, conectando tradição e contemporaneidade, uma ligação intrínseca entre catequese, liturgia e

vida celebrada e testemunhada. Para a Constituição *Sacrossanctum Concilium* (1963, n. 64):

Restaurar-se o catecumenado dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenado e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas.

O Papa São João Paulo II nesse empenho de restauração na catequese no discurso aos Bispos em Fortaleza (10/07/1980) diz que “a catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência fazendo da catequese uma verdadeira prioridade”.

Um marco importante neste processo de restauração e renovação da catequese e do seu método foi a elaboração e publicação do documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) chamada "Catequese Renovada", em 1983. O documento surgiu em um contexto de mudanças na Igreja, influenciado diretamente pelas reflexões do Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín, que reforçaram a importância de uma catequese mais dinâmica, participativa e em sintonia com as realidades contemporâneas.

Levaram-se em consideração as realidades da Igreja na América Latina, propondo uma nova forma de pensar e praticar a catequese, abordando-a como um processo contínuo e integral de educação na fé, com uma profunda conexão com a vida e as necessidades das comunidades cristãs, uma formação integral da pessoa, promovendo uma relação viva e dinâmica com o mistério de Cristo e com a sua Igreja, uma nova evangelização que quer transmitir acima de tudo a vida nova que Jesus veio trazer. Para as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) da CNBB (1995-1998, n. 11):

O evangelizador deve comunicar o Evangelho com vibração, entusiasmo e alegria, na certeza de ser instrumento de Deus, sabendo que está cumprindo a missão recebida no Batismo. O mundo precisa de uma nova evangelização com a descoberta de novas formas e de novas possibilidades, para que a Palavra de Deus se torne fonte de inspiração para a vida das pessoas e para a construção da sociedade.

Para a Catequese Renovada (CNBB, 1983, n. 318), a catequese é definida como um processo contínuo e gradual que dura toda a vida, com o objetivo final de

conduzir à vida eterna feliz. Esta visão alarga o conceito de catequese, compreendendo-a como um elemento essencial no processo de educação da fé cristã. Ela não se limita apenas à fase de iniciação à vida cristã, mas envolve toda a caminhada do fiel, respeitando as várias dimensões do ser humano e da fé. Sem sombra de dúvidas, a catequese não é uma tarefa individual, mas uma ação coletiva, que acontece no seio da comunidade cristã, um anúncio mistagógico permeado de muita vida e alegria, fruto de experiência com o Senhor e com sua Palavra.

Papa Francisco (2013, n. 167) afirma, neste sentido, que “anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações”. Segundo a Catequese Renovada (CNBB, 1983, n. 30):

A renovação atual da catequese nasceu para responder aos desafios de uma nova situação histórica. Essa exige a formação de uma comunidade cristã missionária que anuncia, na sua autenticidade, o Evangelho e o torne fermento de “Comunhão e participação” na sociedade e de libertação integral do homem.

Neste processo intenso de responder aos apelos atuais da catequese, foi necessário redescobrir que ela é, antes de tudo, mistagógica, ou seja, aquela que desvenda os mistérios e que está fortalecida como em um tripé: a Palavra de Deus, a fé e a Igreja. Não é algo dissociado dessas realidades. Mais do que apenas transmitir conteúdo, o encontro catequético deve ser uma experiência que motive e atraia a partir do anúncio da Palavra e da fé celebrada, integrando todas as dimensões da pessoa – emocional, espiritual, intelectual e social –, tendo um caminho comunitário de escuta e resposta. A partir deste encontro é que o ser humano se torna discípulo do Senhor.

Para o Documento de Aparecida (Celam, 2007, p. 268), “o primeiro convite que Jesus faz a todo aquele que viveu o encontro com ele é o de se tornar seu verdadeiro discípulo”. Para se chegar a este discipulado é preciso passar por um processo profundo de formação e experiência de fé pessoal e comunitária, conversão interior e transformação, pois, ao se tornar cristão, o homem se torna, antes de tudo, discípulo e missionário de Cristo Jesus.

Portanto, percebe-se que a catequese mistagógica inclui uma dimensão litúrgica, comunitária, pessoal, e testemunhal de fé e vivência, onde cada pessoa é convidada a participar ativamente nos mistérios celebrados, ou seja, nas celebrações da comunidade, especialmente na Eucaristia, que é o ápice da vida cristã. Ao participar da vida litúrgica sacramental, deixa-se alcançar pelo mistério celebrado e torna-se também ela lugar do mistério de Deus. Neste sentido, Papa Francisco (2013, n. 166) afirma:

Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.

Todos os membros da comunidade são responsáveis por este processo de evangelização, criando um ambiente onde a fé é compartilhada e vivenciada em conjunto, uma fé verdadeiramente trinitária e vivenciada em um ambiente comunitário, pois é quando Tomé (Jo 20, 26) está com a comunidade que ele consegue ver Jesus. A comunidade litúrgica é lugar, por excelência, da revelação do mistério do ressuscitado. A fé, neste sentido, é sempre uma fé eclesial, vivida e transmitida dentro da comunidade, uma fé verdadeiramente mistagógica. A catequese, a partir do Concílio, é uma catequese permanente e que tem uma pedagogia divina. Para Costa (2014, p. 97):

Inspirados na mistagogia já presente nas primeiras comunidades, da qual os Padres da Igreja são seguidores, percebe-se que a evangelização era tão essencial na Igreja nascente que se pode afirmar que eram comunidades em estado de evangelização, em estado de missão, configurando uma atitude fundamental. A mistagogia é um convite a nos colocarmos em estado de evangelização, no sentido de nos deixarmos penetrar pela experiência viva e vivificante do mesmo Espírito, que soprou nos corações e revolucionou a vida da Igreja primitiva.

Portanto, a catequese verdadeiramente mistagógica tem como objetivo conduzir à maturidade da fé, acompanhando o crescimento espiritual da pessoa e auxiliando-a a viver uma vida de fé cada vez mais plena e consciente. Esse

processo envolve tanto o conhecimento doutrinal quanto a vivência prática da fé, possibilitando que o cristão amadureça na sua relação espiritual com Deus na liturgia celebrada, numa vida litúrgica verdadeira e com a comunidade de fé. Para Boselli (2014, p. 36), “a liturgia é um mistério de recíproca presença: o Senhor em meio a seu povo e o povo reunido perante sua face para servi-lo”. Segundo Paulo VI, (1975, n. 54):

Evangelizar há de ser, muito frequentemente, comunicar à fé dos fiéis, em particular, mediante uma catequese cheia de substância evangélica e servida por uma linguagem adaptada ao tempo e às pessoas, esse alimento e esse amparo de que ela precisa.

Essas dimensões ressaltadas mostram que a catequese não se resume apenas a um ensino, é uma missão abrangente e profunda e que toda ela está centrada no anúncio de Jesus Cristo e na vida interior, destinada a formar cristãos maduros na fé dando respostas aos apelos mais profundos do coração humano, que possam testemunhar o Evangelho em sua vida cotidiana e, assim, caminhar rumo à vida eterna.

Não existe catequese verdadeira e renovada sem um encarnar o evangelho de Cristo na vida e deixar que este evangelho perpassasse toda a vida com suas realidades, dando um significado novo mesmo diante dos piores desafios. O Evangelho é o mesmo: o que mudou são os nomes de quem os escuta, as exigências são outras, por isso é necessário anunciar a Vida Nova que é Cristo com ousadia. Segundo o Diretório Geral para a Catequese (Congregação para o Clero, 2020, n. 108):

Situar os sacramentos dentro da história da salvação, por meio de uma catequese mistagógica, a qual: relê e revive todos estes grandes acontecimentos da história da salvação no “*hoje*” da sua liturgia. A referência ao «hoje» histórico-salvífico é essencial nesta catequese. Ajuda-se, assim, os catecúmenos e catequizandos, a se abrirem a esta compreensão espiritual da Economia da Salvação.

O anúncio verdadeiramente mistagógico impulsiona o ser humano sempre ao transcendente que, partindo dos sinais celebrados, encontra as realidades mais profundas de Deus.

Para Castellano (2008, p. 330), “o modo habitual, no entanto, como o mistério da salvação nos é revelado ou comunicado é pela palavra e pelo sacramento da

Igreja em suas diversas expressões; daí o nexos indissolúvel existente entre liturgia e vida espiritual cristã”. A renovação da catequese trouxe, em certo sentido, essa valorização dos mistérios celebrados e a vida do indivíduo e que o anúncio querigmático é o alicerce de toda vida verdadeiramente mistagógica e litúrgica. Para Francisco (2013, n. 165):

Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.

Apesar dos vários esforços significativos para a renovação da catequese mistagógica no Brasil, conforme proposto pela Catequese Renovada, o resultado prático, muitas vezes, ainda não atinge plenamente seus objetivos. Embora tenha havido avanços consideráveis no campo da evangelização, no anúncio do querigma e na tentativa de integrar a catequese à vida comunitária e à realidade social, em muitos contextos ela continua a seguir um modelo excessivamente escolarizado, com foco predominante no saber e nas razões da fé. Esse modelo escolarizado tende a priorizar a transmissão de conteúdos doutrinários de forma técnica, afastando-se daquilo que o Diretório Geral para a Catequese (DGC, n. 138) chama de “pedagogia original da fé”. Essa pedagogia é caracterizada por uma abordagem mais experiencial e relacional, que coloca, em primeiro lugar, o encontro com a pessoa de Jesus Cristo e o testemunho de vida cristã dentro da comunidade a qual se está inserida.

Com isso, fica nítido que catequese é algo muito abrangente, é ser introduzido na vida de fé e da graça de Deus. Não se resume em preparar alguém para se administrar os sacramentos, mas é um introduzir num itinerário de fé e transformação, que dia a dia cresce e amadurece. Esse processo catequético

busca, primeiramente, o aprofundamento mistagógico. Isso significa que, em vez de focar exclusivamente na aquisição de conhecimentos teológicos, o objetivo é ajudar o catequizando a saborear o mistério experimentado. Esse aprofundamento não é uma questão de entendimento racional, mas de uma imersão contínua na realidade divina, onde o mistério é vivido e compreendido de maneira mais profunda e pessoal. Para a CNBB (2017, n. 50):

A catequese não prepara simplesmente para este ou aquele sacramento. O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja. Nosso processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam este processo e tem consequências na vida. Diante da importância de se assumir uma catequese de decisão catecumenal, é necessário rever, profundamente, não apenas os “cursos de batismo e de noivos” e outros semelhantes, mas todo o processo de catequese em nossa Igreja, para que se pautem pelo modelo do catecumenato.

Segundo Mazza (2020), nesse processo de anúncio querigmático catequético e mistagógico o fundamental é que o mistério pascal de Cristo se torne realidade na experiência pessoal de cada indivíduo e que cada um possa transbordar nas experiências relacionais e sociais aquele encontro verdadeiro com o Senhor experimentado no anúncio e na celebração de cada rito. Não há dúvida de que a evangelização não se esgota no anúncio, sem que haja a assimilação do seguimento de Cristo concretizada em seus atos e relações, pois é na vida que a experiência precisa se encarnar de maneira concreta. Sendo assim, o processo de evangelização e a iniciação cristã não são fins em si mesmos, são meios, são momentos privilegiados e fundamentais nesse processo, porém, supõem um caminho, uma preparação e uma vivência existencial. Segundo Paulo VI, (1975, n. 44):

Verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar.

A catequese litúrgica, como se percebe, é um processo que visa enraizar uma união madura, consciente e responsável com a Pessoa de Cristo, sobretudo através de cada celebração e comprometendo os indivíduos ao serviço da evangelização nas diversas realidades da vida. A catequese de caráter litúrgico e mistagógico prepara aos sacramentos mas, acima de tudo, ajuda a bem vivenciá-los, levando a

uma maior experiência do mistério cristão. Ela mais que explica, leva a centralidade dos conteúdos das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, educa à participação ativa, à contemplação e ao silêncio orante.

Para Boselli (2014, p. 15), “com a mistagogia os Padres mostram, além disso, como a ação litúrgica seja, na realidade, ação de Cristo mesmo e, como tal, não é jamais distinguível da ação do Pai e do Espírito”. A catequese leva os catequizandos à sua maior compreensão de ser considerada como uma eminente forma de catequese mistagógica e espiritual, que abraça o ser humano. Segundo o Papa Francisco (2013, n. 166):

Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação *mistagógica*, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.

Com isso, considera-se a catequese como uma forma eminente de mistagogia espiritual, porque visa conduzir os catequizandos a uma compreensão mais profunda do mistério da fé, integrando ao mesmo tempo todas as dimensões do ser humano. Esse processo envolve toda uma imersão espiritual, onde a experiência pessoal de encontro com Deus e com a comunidade é considerada de extrema importância para o seguimento.

Observa-se que muitos manuais catequéticos e planejamentos pastorais ainda não se abriram totalmente a essa renovação mistagógica, permanecendo focados em abordagens mais tradicionais e didáticas. O encontro catequético deve ser mais do que uma simples aula de ensino da fé, deve ser um anúncio mistagógico e alegre da Palavra de Deus, centrado nas Escrituras, mas também envolvido por uma ambientação adequada e uma motivação atraente, utilizando símbolos eloquentes que falam diretamente ao coração e à mente dos catequizandos, produzindo os efeitos necessários para uma vida verdadeiramente cristã. Para Cabasilas (2020, p.111):

O mistério produz os seus efeitos em todos os que foram iniciados, mas nem todos têm percepção dos dons e solicitude por este tesouro, para tirar proveito daquilo que lhes foi dado: uns porque ainda não são capazes de ter consciência deles por causa da idade, outros porque não se prepararam nem demonstraram o devido fervor. Em alguns destes, mais tarde, o arrependimento dos seus pecados, as lágrimas e uma vida de acordo com a reta razão vieram a manifestar a graça que fora infundida nas suas almas. Por isso, também Paulo, escreve a Timóteo, dizendo: «Não desprezes o carisma que está em ti» (1Tm 4,14); como se dissesse que, depois de ter recebido o dom, não o devemos desprezar, porque depois não temos mais nada, e se queremos que estes dons atuem nas nossas almas, devemos dedicar-nos a trabalhos e vigílias.

Portanto, para a CNBB (2017), a catequese mistagógica tem a sua centralidade no mistério Pascal de Cristo na vida dos cristãos e em todas as celebrações do ano litúrgico. Inserido nesse itinerário é que o homem de hoje poderá conhecer a verdade acerca de Cristo e do seu evangelho, uma compreensão não só intelectual dos ritos e símbolos como reveladores da ação pascal de Cristo e experiências de encontro com o ressuscitado. Através desta participação verdadeiramente ativa nos ritos e símbolos litúrgicos é que os catequizandos são convidados a experimentar a presença viva de Cristo na comunidade e na sua própria vida, deixando-se formar e transformar pela graça de Deus neste caminho pessoal e, ao mesmo tempo, comunitário de escuta da Palavra de Deus e de resposta a essa Palavra viva e vivificante. Essa catequese mistagógica envolve toda a pessoa em um caminho gradual de transformação, levando-a a uma intimidade profunda com Cristo e à participação ativa na vida da Igreja.

3 A ATUAL APLICABILIDADE DA CONTRIBUIÇÃO DA PATRÍSTICA NO PERCURSO CATEQUÉTICO NA IGREJA DO BRASIL

A contribuição da Patrística, com sua riqueza teológica, espiritual e pastoral, mantém-se de extrema relevância no percurso catequético atual Pós-Vaticano II na Igreja do Brasil. Percebe-se que, ao voltar-se às fontes da catequese, o Concílio redescobriu nos Santos Padres e na Liturgia um meio eficaz para comunicar o Cristo aos homens de hoje: a mistagogia. A catequese redescobre que o fundamental objetivo da iniciação cristã é introduzir a pessoa no mistério de Jesus Cristo, o que, por sua vez, exige uma interação entre fé e vida, que conduza a uma autêntica vivência cristã, anunciando que Cristo é verdadeiramente o salvador do mundo e que seu amor é imenso. Para Halík (2012, p. 43), “cristão se torna não aquele que acredita que ‘Deus existe’, mas aquele que começou a crer que Deus é o amor”.

3.1 A necessidade de anunciar um Deus-amor a partir do Vaticano II

Esse anúncio de um Deus-amor só é possível a partir de uma experiência pessoal, comunitária e profunda com Ele. Mais do que saber de cabeça que Ele existe, a catequese precisa despertar, através dos símbolos mistagógicos em quem recebe tal anúncio, que Deus é amor e ama verdadeiramente.

Papa Francisco (2022, n. 45) afirma que: “a leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas é uma experiência vital”. Só a partir dessa experiência pessoal e autêntica com Cristo a catequese terá verdadeira eficácia tão almejada. Para Bento XVI (2006):

Este amor nasce do encontro com Cristo na fé: "No início do ser cristão não há uma decisão ética, ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (*Deus caritas est*). Jesus Cristo é a Verdade que se fez Pessoa, que atrai a Si o mundo. A luz irradiada por Jesus é o esplendor da verdade. Todas as outras verdades são uma centelha da Verdade que é Ele mesmo e que para Ele remete. Jesus é a estrela polar da liberdade humana: sem Ele, ela perde a sua orientação, porque sem o conhecimento da verdade a liberdade se desvirtua, isolando-se e reduzindo-se a um arbítrio estéril. Com ele, a liberdade volta a encontrar-se a si mesma, reconhece que é feita para o bem e expressa-se mediante ações e comportamentos de caridade.

Para Costa (2014), a partir do Concílio Vaticano II, essa busca por uma catequese autêntica ganha novos rumos, uma proposta de reconciliação profunda entre a Igreja católica, a modernidade e o como comunicar aos homens de hoje a riqueza insondável de Cristo. Com isso, essa nova metodologia da catequese não está baseada em aulas de catecismos, mas em um encontro pessoal e verdadeiro com Cristo.

Para a CNBB (2017, n. 58) “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.

Percebe-se, com isso, que, nesta catequese querigmática, ganha também um sentido todo especial o tema da experiência pessoal e comunitária com o mistério. A grande questão da aplicabilidade de tal método é que os catequistas precisam ser os primeiros a experimentarem esse encontro pessoal. Embora, como se observa, os contextos do início do Concílio Vaticano II tenham mudado, os desafios e as necessidades básicas da fé cristã permanecem os mesmos do início: uma busca por uma compreensão mais profunda acerca de Deus, uma ânsia de infinito, o viver uma vida moral e espiritual autêntica e o comunicar a fé de maneira eficaz em meio a uma cultura que, muitas vezes, se opõe ou é indiferente ao cristianismo: tudo isso se torna um grande desafio para os tempos atuais. Faz-se necessário deixar o método escolar catequético para um método querigmático, mistagógico, celebrativo, centrado no mistério pascal de Cristo e da liturgia, sendo capaz de tocar o coração da pessoa humana. Para Santos e Carmo (2017):

A catequese contemporânea tem apresentado sinais de falência. Os resultados dos esforços catequéticos têm sido poucos ou quase nulos: não conseguimos contagiar os catequizandos com a proposta do evangelho a ponto de fazê-los prosseguir no discipulado do Mestre de Nazaré. Diante de tal fenômeno, perguntamo-nos: o evangelho de Jesus Cristo perdeu sua força e, por isso, não possui mais significância para a vida dos contemporâneos ou é nossa catequese que não consegue propiciar a experiência do Ressuscitado, capaz de transformar a vida dos catequizandos?

Com esses sinais de falência na catequese, onde os que receberam o anúncio não perseveraram na caminhada, são necessários métodos eficazes para colocar em prática essa catequese querigmática e mistagógica, elaborando materiais para aplicar o catecumenato de forma atrativa e espiritual, levando em

consideração a vida de cada candidato, proporcionando aos catequizandos uma experiência verdadeira com Deus e com a Igreja, gerando aquelas características próprias de um discípulo e missionário, pois a finalidade da verdadeira catequese é proporcionar que cada iniciado na fé se torne um discípulo e missionário de Jesus Cristo. Para o Documento de Aparecida (Celam, 2007, n. 292) destacam-se as seguintes características do discípulo indicadas pela iniciação cristã:

que tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenitude de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana e cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário.

Faz-se necessário que a catequese seja capaz de tocar as profundezas do coração humano, despertando neste coração um verdadeiro encontro com Cristo e com a vida nova que ele veio trazer. Uma catequese que seja capaz de falar ao homem de hoje torna-se cada vez mais necessária para a Igreja, pois tudo aquilo que diz respeito ao homem diz também à própria Igreja.

Fica nítido que a missão da Igreja consiste, acima de tudo, em evangelizar, levando a mensagem de Cristo ao mundo de forma que essa mensagem penetre na vida das pessoas e transforme sua existência e realidades onde estão inseridas. Esse entendimento reforça cada vez mais a ideia de que a catequese não deve ser apenas uma transmissão de doutrinas, mas um processo vivo, dinâmico e alegre, que alcance a totalidade da pessoa humana, suas emoções, realidades, sua razão e seu espírito. Para a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et spes* (1965, n. 1):

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos.

3.2 Rumo a uma catequese catecumenal mistagógica apresentada pelo Concílio Vaticano II

Com toda a riqueza catecumenal, nota-se que a catequese que apenas transmite conceitos não é suficiente para os tempos de hoje. Faz-se preciso uma

abordagem que vá além do ensino doutrinal e metódico, promovendo uma experiência de fé que envolva a vida concreta dos catequizandos, seus desafios, dores e esperanças, levando-os a uma experiência dentro da comunidade eclesial na liturgia que é lugar, por excelência, da revelação do mistério, pois em cada ato litúrgico Cristo toca o homem humano através de seus mistérios. Para Francisco (2022, n. 19):

A Liturgia não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E fá-lo, em coerência com o agir de Deus, seguindo a via da encarnação, através da linguagem simbólica do corpo que se prolonga nas coisas, no espaço e no tempo.

Quando a catequese toca o coração, ela se torna um caminho de conversão e transformação interior, permitindo que as pessoas vivam com mais profundidade sua vocação de discípulos e missionários. Dentro da Igreja que se dá esse encontro com Jesus e um meio antigo e novo para proporcionar tal encontro é a Liturgia celebrada. Segundo a Congregação do Clero (2020, n. 254):

A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e empenhar-se numa nova vida. Ela acompanha os catecúmenos e catequizandos no seu itinerário catequético e, com materna solicitude, torna-os partícipes da própria experiência de fé e os incorpora no seu seio.

Para Lima (2016), uma catequese verdadeiramente eficaz deve ser querigmática e permanente, ou seja, centrada no anúncio essencial do Evangelho: o encontro pessoal com Cristo, que provoca uma mudança radical de vida. Inspirada por essa visão, ela se transforma em um instrumento poderoso de evangelização, capaz de gerar novos cristãos maduros na fé e comprometidos com a Igreja, que vivam de maneira coerente com os valores do Evangelho em todos os aspectos de suas vidas, pois toda a celebração da Igreja é catequese, precisa evangelizar. Para o Papa Francisco (2022, n. 37):

Uma celebração que não evangeliza não é autêntica, tal como não o é um anúncio que não leve ao encontro com o Ressuscitado na celebração: ambos, por fim, sem o testemunho da caridade são como o bronze que soa e como o címbalo que retine (cf. *1Cor* 13, 1).

Com isso, percebe-se que o catequista, mais do que um pedagogo, deve ser, antes de tudo, um mistagogo, isto é, aquele que conduz o neófito mais e mais na

descoberta de Jesus Cristo, de seu Evangelho e da sua Igreja. Os sacramentos, como se percebe, são os grandes mistérios da fé cristã, que não apenas simbolizam, mas operam a salvação de Cristo na vida de quem os recebe, são sinais visíveis de uma realidade invisível. Os catequistas precisam ser condutores aos mistérios, pessoas que ao experimentarem a salvação, levam essa salvação aos outros em nome da Igreja, não em seu próprio nome. Para o Papa Francisco (2021, n. 6):

O Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade.

Como se observa, a mistagogia não é um mero comunicar ensinamentos ou catecismos, mas um comunicar alguém. Ela, de certa forma, ajuda tanto os catequistas como os catequizandos a compreenderem e a viverem plenamente aqueles sinais sagrados transmitidos nas celebrações, tornando-os parte ativa da experiência de fé e da ação salvadora de Deus. Apartir de uma catequese de matriz mistagógica que é possível levar crianças, jovens e adultos a uma experiência seja pessoal como comunitária com Deus. Para Costa (2014, p. 124):

A mistagogia é muito mais do que comunicar, informar ou formar. É assumir a experiência do encontro com Deus como caminho de abertura ao Mistério, é fazer descobrir os sinais de Deus presentes na história e na vida, é redescobrir Deus na própria vida, na intimidade do coração. É também saber-se responsável, pois cada um é confiado ao outro, como irmãos na mesma caminhada. É fazer a caminhada da resposta de vida à proposta salvífica, e ser responsável diante de si mesmo, diante de Deus e diante dos outros, numa experiência de integração e de humanização.

Segundo Ney (2019), neste processo de colocar em prática uma catequese mistagógica é fundamental valorizar o RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos) e colocá-lo em prática como meio eficaz de uma catequese mistagógica. Cada liderança da Igreja deve levar a sério e colocar em prática, com as devidas adaptações e melhorias, a proposta apresentada pelo RICA de retomar o Itinerário Catecumenal para a formação de cristãos, visando a maturidade na fé.

O Ritual, embora ainda pouco conhecido e aplicado, é um dos mais completos métodos de evangelização inicial. Além disso, não se trata apenas de um ritual, como o nome sugere, mas de um caminho formativo abrangente que promove um "noviciado" para ser cristão, um verdadeiro discípulo missionário verdadeiramente livre, consciente, esclarecido, generoso e coerente com a fé

abraçada. Para a aplicação do RICA, é preciso levar em conta o mais urgente a formação e a preparação dos responsáveis da Iniciação Cristã, como dos sacerdotes, para que possam descobrir sua riqueza e eficácia nas nossas comunidades.

Portanto, ao voltar-se para os Santos Padres da Igreja, os catequistas são interpelados a receberem o seu método de transmissão e anúncio e a encontrar neles uma fonte de sabedoria que pode ser criativamente aplicada para formar discípulos comprometidos e uma Igreja viva e missionária, que sai de si ao encontro de Deus e do irmão, tendo em seus lábios e em sua vida um anúncio contagiante que, através do RICA, proporciona uma iniciação eficaz e transformadora.

Para o Papa Francisco (2013, n. 11), “um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tímidos ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora”. Com isso, percebe-se a grande urgência das paróquias colocarem em prática em seus grupos catequéticos uma catequese que tenha como base o querigma, com essa toda a sua riqueza mistagógica encarnada na liturgia e na vida de cada cristão. Para João Paulo II (1999, n. 69):

Este é o objetivo principal da catequese, sendo esta, por sua própria natureza, uma dimensão essencial da nova evangelização. A catequese é um itinerário de formação na fé, na esperança e na caridade, que forma a mente e toca o coração, levando a pessoa a abraçar Cristo de modo pleno e completo. Introduz o crente mais plenamente na experiência da vida cristã, que inclui a celebração litúrgica do mistério da redenção e o serviço cristão aos outros.

Para Lima (2016), a catequese catecumenal mistagógica apresentada pelo Concílio Vaticano II tem como objetivo ajudar as pessoas a interpretar cristãmente a sua existência e a transformar a vida de cada indivíduo e de seu meio, através de uma luta libertadora do povo de Deus em Jesus Cristo, introduzindo aquele que abraçou a fé em uma experiência de discípulo e de anúncio, pois só anuncia quem primeiro recebeu tal anúncio.

O conteúdo dessa catequese é a integração cristã da existência inserida na própria história de um Deus que é amor e se revela. Deixar-se tocar e transformar-se por Deus a partir de dentro, pois, para João Paulo II (1999, n. 26), “o encontro com Jesus Cristo vivo leva à conversão”.

A catequese patrística tem como foco o encontro com Cristo e a conversão sincera do coração. Sem conversão não há adesão à fé e sem adesão não há

cristianismo verdadeiro. Neste sentido, Cirilo de Jerusalém afirma (2022, p. 59): “Guarda tua alma para que a tornes inexpugnável e, permanecendo na esperança, sejas herdeiro da salvação eterna”.

Para CNBB (2017), a Iniciação à Vida Cristã é uma urgência dos dias atuais e precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade, pois o ser humano tem a necessidade de ser iniciado nos mistérios. Esse novo método de catequese, inaugurado pelo Vaticano II, procura, antes de tudo, levar os iniciantes a uma experiência profunda de Deus, a uma experiência com o amor de Deus manifestada em Cristo, que sempre se faz presente nos acontecimentos de sua vida pessoal e comunitária. Uma catequese que se dá no seio da comunidade eclesial.

Para a Constituição Pastoral *Gaiudium et spes* (1965, n. 28), “é o próprio amor que incita os discípulos de Cristo a anunciar a todos a verdade salvadora”.

Percebe-se, porém, que, mesmo em meio a todo esse contexto e esforço de retorno às fontes da catequese, ainda falta um longo caminho a ser trilhado para esta aplicabilidade de uma catequese renovada, catecumenal e mistagógica. É nítido que neste processo de restauração e aplicabilidade faltam pessoas capacitadas que antes de aplicarem conteúdos: discípulos que fizeram uma experiência pessoal com Cristo e a partir daí anunciam. Para a CNBB (2017, n. 159):

O primeiro anúncio é realizado por cristãos que fizeram a experiência do encontro com o Senhor e se tornaram discípulos missionários. Não são pessoas prontas ou perfeitas no discipulado, mas são membros da comunidade que desejam que outros participem da alegria de seguir o caminho. Todos os membros da comunidade são missionários, mas os “introdutores”, especialmente, devem cuidar do querigma.

Para a Congregação do Clero (2020), a situação da catequese nos últimos anos revela tanto aspectos positivos quanto desafios a serem enfrentados. A vitalidade que a catequese vem experimentando é notável em diversos elementos. Entre eles, destaca-se o comprometimento de sacerdotes, religiosos e leigos que, com grande dedicação e entusiasmo, entregam-se à missão catequética, uma das ações mais essenciais da Igreja. Além disso, há uma ênfase renovada no caráter missionário da catequese, especialmente na busca de uma verdadeira adesão à fé num mundo onde o sentido religioso está obscurecido. A catequese, portanto, não se limita a uma mera transmissão de ensinamentos, mas busca formar

integralmente, despertando a conversão genuína, pois, segundo o Celam (2008, p. 108), “o modelo de toda catequese é o catecumenato batismal”.

Nesse cenário, a catequese de adultos assume uma importância crescente, sendo priorizada em muitos planos pastorais e em grupos e movimentos eclesiais. Esse foco na catequese adulta reflete uma resposta às necessidades das Igrejas particulares e às orientações pastorais locais, que têm ganhado maior densidade e profundidade. Faz-se cada vez mais necessário uma catequese de iniciação que tem como foco o mistério de Deus. Para Carmo (2016, p. 232-233):

A pedagogia própria da catequese é a iniciação, e não o ensino ou a aprendizagem, pois ela contempla outras dimensões além do aspecto cognitivo e pragmático da fé. Ela trabalha com o conceito de mistério, abrindo espaço para a relação com a transcendência, para a oração, a contemplação, a gratuidade... A pedagogia da iniciação proposta favorece a desescolarização, pois coloca o mistério pascal como centro da catequese da qual a pedagogia escolar não dá conta. A pedagogia da iniciação estreita os laços entre catequese e liturgia, entre catequese e linguagem simbólica, enfraquecendo os laços com a escola e a linguagem dedutiva intelectual... A iniciação tem a facilidade de ser acessível a todos: cada um na sua possibilidade se sente interpelado por Deus e responde ao apelo Dele ao seu modo.

Para o Celam (2008), a catequese de caráter catecumenal e mistagógico, por conseguinte, é chamada a se planejar e a se desenvolver como verdadeiro processo catecumenal. A catequese é impulsionada por uma aplicação cada vez mais profunda de caráter iniciático, que encontra seu lugar na Palavra de Deus, na Liturgia celebrada, comprometendo o catequizando a uma vivência cristã seja na Igreja e principalmente na sociedade. Essa catequese como iluminação tem uma dimensão existencial e libertadora, onde o anúncio do Evangelho incide na experiência humana de cada pessoa, que com o anúncio de Cristo ilumina e interpreta a vida humana e a história, sendo mediação a serviço da promoção humana e dos valores cristãos.

Portanto, para o Celam (2008), tal processo será de inspiração catecumenal se reunir as seguintes características no seu método:

- a) um processo de iniciação cristã integral, que contemple todas as dimensões da vida de fé e se converta em autêntico aprendizado de toda a vida cristã.
- b) um processo dinâmico, que exija duração e progressividade, marcado por etapas graduais que indicam os momentos e o ritmo de crescimento na fé.

c) um processo marcado por ritos, signos e símbolos, que expressam os passos dados e os compromissos adquiridos no itinerário de fé.

d) um processo comunitário que manifeste com clareza como o itinerário catecumenal parte da comunidade, leva à comunidade e implica toda a comunidade eclesial.

e) um processo que comprometa as pessoas, exija uma profunda conversão e possa orientar a própria vida no horizonte dos valores evangélicos.

Para Carmo (2016, p. 190), “a iniciação proporciona uma aprendizagem sem par: algo tão singular e único que deixa marcas indelévels no iniciado”, levando o iniciado a uma conversão verdadeira e uma vivência madura da fé, em um comprometimento verdadeiro com a comunidade eclesial, vivendo verdadeiramente como um cristão. Com isso, a catequese de matriz catecumenal precisará ser adaptada a lugares e realidades. Para Paulo VI (1975, n. 44):

Os métodos, obviamente, não de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas, procurando sempre fazer com que elas retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida. Importa sobretudo preparar bons catequistas, catequistas paroquiais, mestres e pais, que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior, indispensável e exigente do ensino religioso, Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspecto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar.

Com isso, a CNBB (2019-2023) propõe que a Igreja no Brasil adote o modelo de iniciação à vida cristã inspirado no catecumenato, que, como se vê, é um processo de formação mais profundo para aqueles que buscam integrar-se à fé cristã. Isso implica uma reestruturação nas práticas das paróquias, especialmente em áreas como catequese e liturgia. Essa proposta inclui uma atenção especial à catequese voltada para a preparação e vivência dos sacramentos, não apenas para crianças, mas também para jovens e adultos, abrangendo os sacramentos da iniciação cristã (batismo, crisma e eucaristia).

Além disso, a Igreja é chamada a revisar como as comunidades missionárias estão funcionando, para garantir que o anúncio de Jesus Cristo realmente transforme pessoas, famílias e, até mesmo, as estruturas sociais. As comunidades precisam se tornar espaços mistagógicos, ou seja, lugares onde, por excelência,

ocorre a iniciação na vida cristã, facilitando o encontro autêntico com Cristo e promovendo um aprofundamento verdadeiro na fé. Para o Documento de Aparecida (Celam, 2007, n. 289):

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leva à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão.

Para o Diretório Geral para a Catequese (Congregação para o Clero, 2020), desafios significativos ainda persistem neste processo de renovação da catequese atual. O conceito de catequese como escola de fé e de formação integral da vida cristã ainda não é plenamente compreendido por muitos catequistas. Além disso, a interação entre Escritura, Tradição e Magistério nem sempre é harmônica na transmissão da fé. O equilíbrio na apresentação do mistério de Cristo, destacando tanto sua humanidade quanto sua divindade, também carece de maior clareza em muitos contextos catequéticos atuais. Para essa catequese catecumenal mistagógica ser aplicada são necessários agentes bem formados, que foram alcançados pela experiência do mistério pascal, através do encontro pessoal com Cristo e de um ambiente que proporciona tal experiência, pois a catequese é o lugar teológico onde se experimenta a vida de Deus e onde se aprende a viver essa vida Nova recebida como Dom. Para a CNBB (1983, n. 137):

A criação de um ambiente educativo da fé é uma exigência não só metodológica, mas de conteúdo, especialmente em se tratando de crianças e jovens. Eles necessitam de apoio, acolhida, alegria, presença fraterna de educadores adultos, além de um mínimo de estruturação de suas atividades. O catequizando, criança e jovem, não participará do "catecismo", da "aula de ensino religioso", dos grupos infanto-juvenis somente para aprender religião", "aprender as principais verdades da fé", "preparar-se para receber tal sacramento", mas sobretudo para aprender a viver e atuar como cristãos, agentes de transformação na sociedade brasileira de hoje. Por isso, é importante que, já como adolescentes e jovens, realizem ações transformadoras no seu ambiente específico.

Percebe-se nesse processo de uma catequese capaz de tocar o coração das pessoas a urgência de formar bons catequistas, não apenas para crianças, mas para jovens e adultos. Pessoas que, envolvidas pelo mistério, são chamadas a dar testemunho para que outros possam igualmente viver essa experiência. Antes de transmitir acerca de Cristo, são chamados a experimentar na própria vida tal graça.

O documento 'Iniciação à vida cristã' (CNBB, 2017, n. 87) afirma que "para entrar nesse mistério não há outro caminho senão o encontro pessoal com Jesus".

Os catequistas, pois, precisam de preparação contínua, tanto intelectual quanto espiritual, para enfrentar as demandas do mundo moderno, onde muitas pessoas estão redescobrando a fé e sentindo o chamado de Cristo. Assim, o ponto central é que os métodos catequéticos devem ser cuidadosamente planejados e realizados por pessoas que tenham um compromisso de vida com Cristo, e que estejam dispostas a um constante aperfeiçoamento para transmitir essa fé de maneira autêntica e impactante. Para Carvalho (2024, p. 4):

A iniciação à vida cristã é uma urgência missionária em todo o mundo. O conhecimento, o aprofundamento e a vivência dessa realidade deverão envolver toda a comunidade paroquial, particularmente os que exercem a missão catequética, como as pastorais envolvidas com o Batismo, confirmação e Eucaristia, sempre em perfeita harmonia com a liturgia. No processo de iniciação à vida cristã, a catequese encontra as condições ideais para realizar a sua missão mistagógica.

Esse processo de aplicação da catequese catecumenal, entretanto, não pode ser algo isolado ou uma missão apenas dos catequistas das paróquias ou dos agentes das pastorais batismais, mas deve envolver toda a comunidade paroquial, pois o caminho de formação cristã é uma responsabilidade comunitária da Igreja.

Para a CNBB (1983, n. 144), "a tarefa da catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que, com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na fé". Com isso, precisa-se de novos métodos para aplicar e adaptar o catecumenato com toda a sua riqueza, de celebrações profundas e cheias de sinais que levem os catequizandos a mergulharem suas vidas na Palavra de Deus e na Liturgia, que através de encontros alegres e com a novidade própria do Espírito Santo são atraídos pelo anúncio do evangelho e tanto crianças, como jovens e adultos são impulsionados a entregarem a própria vida a Jesus Cristo.

Toda a paróquia deve estar comprometida com essa transmissão da fé, especialmente aqueles que estão diretamente envolvidos na catequese e nas pastorais relacionadas aos sacramentos da iniciação, como o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. Todo o ambiente eclesial é lugar da catequese, é lugar do mistério! Para João Paulo II (1979, n. 24):

A catequese corre o risco de se esterilizar, se uma comunidade de fé e vida cristã não acolher o catecúmeno a certo passo da sua catequização. É por

isto que a comunidade eclesial, a todos os níveis, é duplamente responsável em relação à catequese: antes de mais, tem a responsabilidade de prover à formação dos próprios membros; depois, também a de os acolher num meio ambiente em que possam viver o mais plenamente possível aquilo que aprenderam.

Deste modo, para Carmo (2016), a catequese pode se tornar ineficaz se o catecúmeno, em algum momento do processo, não for recebido por uma comunidade de fé e de vida cristã autêntica, que dê testemunho com sua vida de fé abraçada. Com isso, percebe-se que o ensino catequético corre o risco de não produzir frutos necessários se o indivíduo não encontrar uma comunidade onde possa integrar e praticar o que aprendeu. Faz-se necessária uma mudança interior e exterior.

Por isso, a Igreja, em todos os seus níveis, tem uma dupla responsabilidade em relação à catequese. Primeiro, deve garantir a formação adequada dos membros da comunidade. Em segundo lugar, deve oferecer um ambiente acolhedor onde esses membros possam vivenciar, de forma plena, os ensinamentos adquiridos durante a catequese. A atuação dessas pastorais, além de sua importância formativa, deve estar em perfeita sintonia com a liturgia, de modo que os sacramentos sejam compreendidos e vividos não apenas como ritos formais, mas como expressões profundas de uma vida cristã autêntica. Para Lima (2016, p. 202):

A catequese renovada pelo Vaticano II baseia-se na Palavra de Deus, manifestada na Tradição (Bíblia, Liturgia, Santos Padres, Catecismo). O Diretório Nacional de Catequese reafirma aquilo que já é uma antiga conquista nossa: a Bíblia continua sendo o livro por excelência da catequese, e a comunidade cristã o ambiente onde o catequisando ou o catecúmeno deve crescer e viver a própria fé.

Portanto, conclui-se que, para a CNBB (2017), o objetivo principal desse projeto para uma catequese mistagógica é levar a uma maior conversão a pessoa de Jesus Cristo, formando discípulos, renovando a comunidade eclesial que suscita missionários comprometidos que testemunham sua fé em meio à sociedade. Para isso, tal catequese catecúmenal precisa estar centrada na Palavra de Deus, com inspiração no processo catecúmenal em uma Igreja em contínua saída.

Neste processo de iniciação à vida cristã, encontram-se as condições ideais para realizar sua missão mistagógica. Mistagogia na catequese, como ficou claro, é o caminho de introdução nos mistérios da fé, um processo de aprofundamento

progressivo na compreensão dos sacramentos e da vida cristã nas realidades do mundo. Para Lima (2016, p. 266):

O catecumenato é a maneira de formar cristãos convictos, que aderem plenamente à sua comunidade, à Igreja, sem abandoná-la após ter recebido um ou alguns Sacramentos que nada lhe dizem, por mais que a teologia e a longa tradição da Igreja afirmem e testemunhem. Se a pessoa realmente não experimenta em sua vida, reflete e aprofunda em seu pensamento as riquezas da fé cristã, da adesão a Jesus Cristo e seu Evangelho, do discipulado missionário, ela irá abandonar tudo diante das tentadoras propostas religiosas ou seculares que vão pululando ao seu redor.

A missão mistagógica da catequese nos dias atuais na Igreja do Brasil é fundamental, porque ela não se limita a transmitir conhecimentos doutrinários ou dogmáticos, mas leva o catequizando a uma experiência vivencial e transformadora do mistério de Cristo. Isso exige que a catequese seja mais do que um mero ensino teórico; ela deve proporcionar uma verdadeira experiência espiritual, pascal e comunitária, que leve os fiéis a vivenciar o mistério da fé em sua plenitude, até a vinda gloriosa do Senhor. O Papa Francisco (2022, n. 64) afirmou que:

A nossa vida não é uma sucessão casual e caótica de acontecimentos mas um percurso que, de Páscoa em Páscoa, nos conforma a Ele “enquanto esperamos em jubilosa esperança a vinda gloriosa de Jesus Cristo, nosso Salvador”.

Nossa jornada catequética é uma caminhada contínua de fé que nos aproxima cada vez mais de Cristo. Assim, a catequese mistagógica vai além de ensinar, é um conduzir os cristãos para que, comprometidos com sua fé e sua missão na Igreja, sejam verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Compreende-se que, segundo as inspirações do Concílio Vaticano II, a formação cristã catequética precisa ser essencialmente um conduzir o catequizando a uma experiência pessoal e mistagógica com Cristo. Partindo das fontes da catequese conforme ensinado pelo Concílio, a educação na fé acontece à medida em que a pessoa é introduzida e imersa nos mistérios celebrados, que, pouco a pouco, tocada pela graça, começa a crer. A Iniciação à vida cristã é um itinerário de crescimento e transformação, um itinerário de vida nova, e, como um todo, é vista como um longo processo mistagógico, que envolve o crescimento e a assimilação gradual dos dons que Deus concede a partir de uma vivência cristã e litúrgica.

Tendo consciência da importância das catequeses mistagógicas dos séculos III e IV, evidencia-se sua relevância no processo formativo da Igreja primitiva e o quanto elas são de extrema importância para os dias atuais. Ao longo do trabalho, foi possível observar que a catequese mistagógica, fundamentada no querigma e no catecumenato, não se limitava a um mero ensinamento teórico, mas constituía um processo integral que envolvia a formação espiritual e a vivência comunitária do indivíduo dentro da Igreja. É nítido notar que a catequese mistagógica pós-Vaticano II responde, de certa forma, às necessidades atuais da evangelização, e como adaptá-la às realidades contemporâneas, reconhecendo a importância de uma abordagem que dialoga com as vivências e as culturas dos fiéis.

Percebe-se que o estudo das catequeses de Cirilo de Jerusalém revelou a necessidade de uma compreensão profunda dos sacramentos, ressaltando que a experiência sacramental deve ser central na vida do cristão. Além disso, a análise das orientações do Concílio Vaticano II demonstrou a atualidade das fontes patrísticas, que chamam a Igreja contemporânea a resgatar a essência da mistagogia em sua prática catequética. Essa proposta de resgate e retorno ao catecumenato e à mistagogia, como se apresentou, se alinha com o desejo do Vaticano II de uma Igreja que não apenas transmite conteúdos, mas também acompanha, reza e ensina a rezar, formando discípulos que a partir do encontro pessoal com Cristo na catequese se tornam missionários que vivem a fé em sua

plenitude. Ser iniciado na fé é ser introduzido no modo de ser de Cristo, é existir a partir de um encontro verdadeiro e mistagógico. Mais do que conhecer, é se deixar transformar e configurar. Portanto, ao integrar a catequese mistagógica em suas práticas, a Igreja se torna um espaço de formação integral, lugar privilegiado do anúncio, capaz de gerar cristãos maduros, conscientes de sua missão e engajados na transformação do mundo à luz do Evangelho de Cristo. Estas considerações foram aplicadas, mais especificamente, no percurso catequético da Igreja no Brasil, conforme várias orientações da CNBB neste sentido.

Conclui-se, portanto, que a catequese atual deve ser uma continuidade desse processo formativo, promovendo uma integração entre conhecimento teológico, vivência sacramental e experiência comunitária. Os Santos Padres, como se observa, ofereceram valiosas contribuições que podem ser aplicadas à prática catequética contemporânea, visando uma formação que não apenas informa, mas também transforma os indivíduos e suas comunidades de fé numa vivência espiritual profunda. Ainda que o presente trabalho não esgote a riqueza do tema, abre caminho para investigações futuras que possam aprofundar esses aspectos, ampliando a compreensão e a aplicabilidade da mistagogia e de suas práticas na formação cristã. Assim, ao recuperar os fundamentos da catequese mistagógica, temos a oportunidade de ressignificar a formação catequética atual, promovendo uma vivência espiritual que orienta os fiéis a uma experiência contínua e profunda da fé, fortalecendo a Igreja em sua missão evangelizadora e pastoral.

Assim, destaca-se a necessidade de uma reflexão contínua sobre a catequese, sugerindo que as orientações dos primeiros séculos da Igreja podem e devem ser revisitadas e adaptadas para enfrentar os desafios do mundo atual, promovendo uma vivência da fé que seja autêntica, dinâmica e acessível a todos os fiéis, pois, sem um anúncio catequético mistagógico, não poderá existir verdadeira adesão a Cristo, nem uma conversão sincera do coração. Só o contato com Cristo e o convite ao seu seguimento que fará do catequizando um iniciado nos mistérios cristãos e assim poderá dizer com o apóstolo São Paulo (Gal 2, 20) “Já não sou eu quem vivo é Cristo quem vive em mim”, pois, em cada Iniciado vive Cristo, Vive a Igreja!

REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, Santo. **Os Sacramentos e os Mistérios**: Iniciação cristã na Igreja primitiva. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BENTO XVI. **Audiência Geral**. 27 jun. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070627.html. Acesso em 13 set. 2024.
- BOSELLI, Goffredo. **O sentido Espiritual da Liturgia**. Brasília: CNBB, 2014. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja)
- CABASILAS, Nicolau. **A vida em Cristo**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020.
- CARMO, Solange Maria do. **Catequese no mundo atual**: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese. São Paulo: Paulus, 2016.
- CARVALHO, Humberto Robson de. Na Igreja Primitiva: Interação entre fé e vida. **O Domingo: Semanário Litúrgico-Catequético**, São Paulo, 21 abr. 2024. nº 21, ano 92, remessa III. Catequese e Liturgia, p. 4.
- CARVALHO, Humberto Robson de. Primeiro Tempo: Pré-catecumenato. **O Domingo: Semanário Litúrgico-Catequético**, São Paulo, 15 set. 2024. nº43, ano 92, remessa VII. Catequese e Liturgia, p. 4.
- CARVALHO, H. R. *et al.* **Catequista**: Vocação, ministério e missão. São Paulo: Paulus, 2019.
- CASEL, Dom Odo. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASPANI, Pierpaolo. **Renascer da Água e do Espírito**: Batismo e Crisma, Sacramentos da Iniciação Cristã. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e Vida Espiritual**: Teologia, Celebração, Experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edição típica Vaticana; Loyola, 2000.
- CELAM. **Documento de Aparecida**, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.
- CELAM. **Manual de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2008.

CERVERA, Jesús Castellano, O.C.D. **L'Anno Liturgico**: Memoriale di Cristo e Mistagogia della Chiesa con Maria Madre di Gesù. Roma: Centro de Cultura Mariana, 1991.

CIRILO, Jerusalém. **Catequeses Mistagógicas**. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2020.

CIRILO, Jerusalém. **Catequeses Pré-Batismais**. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium**: sobre a Sagrada Liturgia. 04 dez. 1963 Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 14 set. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Christus Dominus**: Sobre o Múnus pastoral dos Bispos na Igreja. 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html. Acesso em: 14 out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. Roma, 07 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et spes**: Sobre a Igreja no mundo atual. Roma, 07 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 27 out. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Catequese renovada**: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983. (Documento n. 26).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998**. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183431.pdf. Acesso em: 04 out. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: CNBB, 2006. (Documento n.84)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Iniciação à vida cristã**: Itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017. (Documento n. 107).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.**

Disponível em:

<https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/dia-27-diretrizes-documento-109.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese.** São Paulo: Paulus, 2020.

CORBELLINI, Dom Vital. As catequeses mistagógicas e a Eucaristia em São Cirilo de Jerusalém. **CNBB**, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/as-catequeses-mistagógicas-e-a-eucaristia-em-sao-cirilo-de-erusalem/>. Acesso em: 16 set. 2024.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia Hoje.** O resgate da experiência mistagógica dos séculos III e IV como contribuição para a evangelização atual. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Teologia Sistemático-pastoral. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=4772@1>. Acesso em: 10. set. 2024.

COSTA, Rosemary Fernandes da. Mistagogia na Eucaristia: Reencaminhar nas fontes dos padres da Igreja. *In*. BOFF, Lina (org.). **A Ceia do Senhor nos une e nos reúne.** Juiz de Fora: Editar; São Leopoldo: Oikos, 2013.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia Hoje:** O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2015.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e Liturgia:** A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia.** Tradução Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2019.

EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia.** Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

FIGUEIREDO, Fernando. Introdução. *In*: **CIRILO, Jerusalém:** Catequeses Mistagógicas. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 29.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** 24 nov. 2013.

Disponível

em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 10 maio 2024.

FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica sob forma de “Motu Próprio” ***Antiquum Ministerium***. Pela qual se institui o ministério de catequista. 10 maio. 2021.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 17 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi***. Sobre a formação Litúrgica do povo de Deus. 29 jun. 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-letter-a-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 17 out. 2024.

GUARDINI, Romano. **O Senhor**: Reflexões sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

GIRAUDO, Cesare. **Num só Corpo**: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003

HALÍK, Tomás. **Quero que sejas**: Podemos acreditar no Deus do amor? Petrópolis: Vozes, 2012.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. 16 out. 1979.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html. Acesso em: 01 abr. 2024.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos Bispos do Brasil**. Fortaleza 10 de julho de 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800710_vescovi-fortaleza.html. Acesso em: 11 maio. 2024.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Ecclesia in America***. 22 jan.1999.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html. Acesso em: 27 out. 2024.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Biblioteca do Catequista)

MAZZA, Enrico. **A Mistagogia**: As catequese litúrgicas do fim do século IV e seu método. São Paulo: Loyola, 2020.

MODESTO, Douglas Eurenides. **O catecumenato e a construção da identidade cristã**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: História e proposta**. São Paulo: Paulus, 2019.

NUCAP- Núcleo de catequese Paulinas. **Mistagogia: do visível ao invisível**. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Pastoral Litúrgica).

PARO, Faccini, Thiago Aparecido. O espaço litúrgico como experiência mistagógica. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 381-395, set./dez. 2014a. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/18113/12546>. Acesso em: 29 set. 2024.

PARO, Faccini, Thiago Aparecido. Raízes mistagógicas da Liturgia cristã. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, ISSN 2177-952X, v. 8, n. 14, p. 262-273, jul./dez. 2014b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/21565/15814>. Acesso em: 29 set. 2024.

PAULO VI, Papa. **Decreto Christus Dominus**: Sobre o Múnus pastoral dos Bispos na Igreja. 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_de_cree_19651028_christus-dominus_po.html. Acesso em: 14 out. 2024.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi**: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 08 dez. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 28 out. 2024.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**: para Alunos dos Cursos de Graduação e Pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. São Paulo: Paulinas, 1975.

SANCHEZ, Victor. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã. *In*: **Manual de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2007. v. IV.

SANTOS, Alex Cristiano dos; CARMO, Solange Maria do. Desescolarizando a catequese. **Fique Firme**, 27 set. 2017. Disponível em: <https://www.fiquefirme.com.br/28-desescolarizando-a-catequese>. Acesso em: 15 out. 2024.

SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. **Os sinais da salvação**. São Paulo: Loyola, 2005. Tomo 3.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Bruno Alves da. **A mistagogia como método teológico da liturgia e a sua contemporaneidade**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), Florianópolis, 2022.

VILLEPELET, Denis. Catequese como iniciação: consequências para a ação catequética. **Revista de Catequese**. n. 110, abr./jun. 2005.

VV.AA. **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.